

BRUNO APITZ

MAIS DE 2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

O LIVRO
QUE INSPIROU
O FILME

Sobrevivendo entre lobos

A história de uma criança escondida em uma mala
para sobreviver no campo de concentração

UNIVERSO DOS LIVROS

Material com direitos autorais

São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

448 p. il.

ISBN 978-85-503-0138-9

Título original: *Nackt unter Wölfen*

1. Ficção alemã 2. Segunda Guerra, 1939-1945 –
Ficção 3. Campos de concentração - Ficção I. Título II.
Peres, Marly N.

17-0905

CDD 833

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção alemã

OS PERSONAGENS

Os principais prisioneiros e suas funções:

WALTER KRÄMER, alemão, primeiro decano do campo, ex-caldereiro hamburguês.

FRITZ PRÖLL, alemão, segundo decano do campo.

OTTO RUNKI, alemão, decano do bloco 38.

JOSEPH ZIDKOWSKI, polonês, decano do bloco 61, bloco de quarentena situado na enfermaria dos prisioneiros, no campinho.

ZACHARIAS JANKOWSKI, judeu polonês, deportado vindo de Auschwitz, o “pai” do garoto.

MARIAN KROPINSKI, polonês, afetado no armazém de vestuário.

RUDI PIPPIG, alemão, afetado no armazém de vestuário, tinha sido tipógrafo em Dresden.

ERICH KÖHN, alemão, enfermeiro-chefe, exercia a função de cirurgião, responsável pelo pelotão sanitário, comunista e ex-ator.

HEINRICH SCHÜPP, alemão, eletricitista do campo.

AUGUST ROSE, alemão, afetado no armazém de vestuário.

ALBERT FÖRSTE, austríaco, homem de serviço do *bunker*, antigo funcionário público.

MAXIMILIAN WURACH, alemão, afetado no armazém de vestuário, ex-soldado do Exército alemão.

O Comitê Internacional do Campo (CIC):

HERBERT BOCHOW, alemão, responsável pelos grupos de Resistência do CIC, segundo secretário do bloco 38, ex-deputado comunista de Bremerhaven.

ANDRÉ HÖFEL, alemão, *Kapo* do armazém de vestuário,

instrutor militar dos grupos de Resistência, ex-Feldwebel.

LEONID BOGORSKI, russo, *Kapo* do *Kommando* das duchas, ex-oficial de aviação.

KODICZEK e JOSEPH PRIBULA, poloneses, operários do ateliê de ótica.

PETER VAN DALEN, holandês, cuidador na enfermaria.

RIOMAND, francês, cozinheiro delegado para o refeitório dos oficiais.

Os principais SS, seus postos e suas funções:

Oficiais

ALOIS SCHWAHL, coronel, comandante do campo, ex-inspetor de administração penitenciária.

WEISANGK, comandante, segundo subchefe de campo.

KAMLOTH, segundo subchefe, comandante, líder das tropas SS.

ROBERT KLUTTIG, capitão, primeiro subchefe de campo e antigo proprietário de um ateliê de confecção.

HERMANN REINEBOTH, subtenente, inspetor-chefe.

Suboficiais

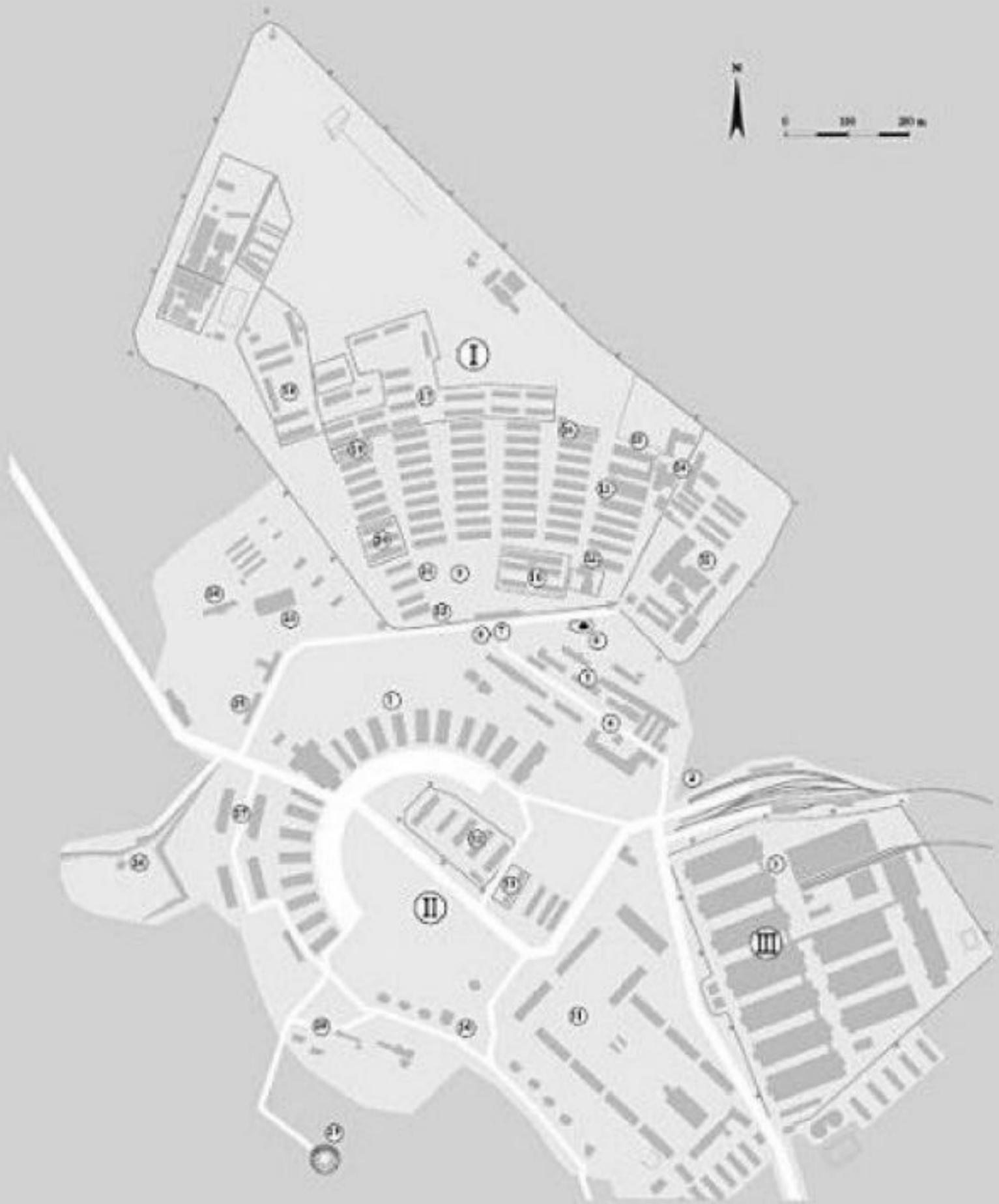
WILHELM BERTHOLD (Papa Berthold), ajudante-chefe, chefe do *Kommando* de enfermaria.

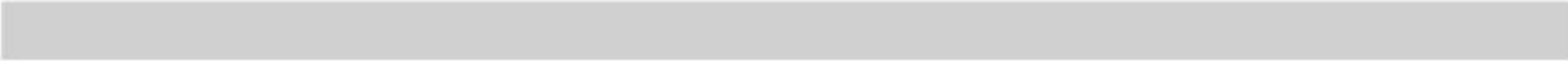
GOTTHOLD ZWEILING, primeiro oficial, chefe do armazém de vestuário. MANDRAK, vulgo Mandrill, suboficial, carrasco do *bunker*.

MAPA DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE BUCHENWALD

- I Campo dos prisioneiros, ou zona do arame farpado
- II Zona dos oficiais SS e das tropas SS
- III Fábricas de armamento
 - 1 Casernas SS
 - 2 Estação de Buchenwald
 - 3 Fábrica de armamento Gustloff
 - 4 Carachoweg, o caminho que levava da estação de Buchenwald à entrada do campo de prisioneiros
 - 5 Zona da Kommandantur e refeitório dos oficiais
 - 6 Jardim zoológico
 - 7 Grande portão de entrada do campo de prisioneiros e torre principal (a imponente torre de vigia que dominava o grande portão)
 - 8 O *bunker* e suas celas
 - 9 Praça de chamada
 - 10 Oficinas, incluindo a oficina de serralheria e de eletricidade
 - 11 Fábricas de armamento, Deutsche Ausrüstungswerke (DAW), propriedade da SS
 - 12 Forno crematório
 - 13 Bosque de Goethe
 - 14 Prédio de desinfecção
 - 15 Armazém de vestuário
 - 16 Instituto de higiene SS, serviço de tifo e de pesquisa viral, bloco 50
 - 17 Campinho
 - 18 Enfermaria dos prisioneiros
 - 19 Estações de experimentos, bloco 46, chamado de “bloco das cobaias”; experimentos de vacinas contra a febre tifoide, experimentos terapêuticos para tratamento de queimaduras com fósforo
 - 20 Campo especial para prisioneiros de guerra soviéticos
 - 21 Oficinas de ótica
 - 22 Refeitório dos prisioneiros
 - 23 Picadeiro de equitação

- 24 Cocheiras, lugar de execução dos prisioneiros de guerra soviéticos
- 25 Prédio da fanfarra SS
- 26 Pedreira
- 27 Casernas SS
- 28 Falcoaria
- 29 Túmulo onde eram enterradas as cinzas do crematório entre 1944-1945
- 30 Mansões SS
- 31 Garagens SS
- 32 Campo especial Fichtenhain
- 33 Barracão de isolamento





Eu dedico este livro aos nossos falecidos irmãos de armas de todas as nações que, em nossa estrada de sacrifícios, tivemos de abandonar no campo de Buchenwald. Para homenageá-los, emprestei a muitos personagens deste livro os seus nomes.

No alto do Ettersberg, as árvores estavam banhadas em umidade e alçavam-se, imóveis, no silêncio que envolvia a montanha e a separava da campina ao redor. Brilhantes, as folhas mortas, maltratadas e consumidas pelo inverno espalhavam-se pelo solo.

A primavera chegava, hesitante.

Cartazes pendurados entre as árvores pareciam tentar dissuadi-la.

“Território sob o comando do campo de concentração de Buchenwald. Cuidado, perigo de morte! Em caso de invasão, tiros sem aviso.” Abaixo, um sinal de uma caveira e dois ossos cruzados.

A garoa eterna aderiu igualmente às capas dos cinquenta SS que, naquele final de tarde de março de 1945, estavam na plataforma cimentada, abrigados da chuva por um telhado. Essa plataforma, chamada de estação de Buchenwald, marcava o fim da linha férrea que conduzia, desde Weimar, até o cume da montanha. O campo se encontrava nas proximidades.

Na longa praça que descia em direção ao norte, os prisioneiros apareciam para a chamada noturna. Bloco após bloco, alemães, russos, poloneses, franceses, judeus, holandeses, austríacos, tchecos, testemunhas de Jeová, prisioneiros de direito comum... uma multidão estendendo-se a perder de vista, à qual eram dadas ordens para que fosse contida em um imenso quadrado de dimensões perfeitas.

Hoje, surdos rumores corriam entre os prisioneiros. Os americanos haviam cruzado o Reno, na altura de Remagen.

– Você já está sabendo? – perguntou Runki, o decano do bloco, a Herbert Bochow, seu vizinho da primeira fila do bloco 38.
– Eles devem ter estabelecido uma cabeça de ponte.

Schüpp, na segunda fila, atrás dos dois outros, se meteu na conversa.

– Remagen? Ainda é longe.

Não obteve resposta. Pensativo, ele olhou para a nuca de Bochow. O semblante de perpétua ingenuidade e espanto de Schüpp, o eletricitista do campo, com sua boca circular e olhos arregalados, por trás dos óculos com armação preta e

arredondada, manifestava a excitação produzida por aquela novidade. Outros prisioneiros do bloco também cochichavam entre si, e Runki os fez calarem-se com um “atenção!” murmurado. Os chefes de bloco, SS de patentes subalternas, chegaram do alto e separaram-se em direção a seus subordinados de cada bloco. O burburinho morreu, e o ânimo desapareceu dos rostos novamente inexpressivos.

Remagen!

De fato, era longe da Turíngia.

Mesmo assim. A frente ocidental havia se deslocado graças à ofensiva de inverno do Exército Vermelho, que marchava para a Alemanha, passando pela Polônia.

Os rostos dos prisioneiros não deixavam transparecer nada da excitação que os animava.

Mudos, alinhados de modo impecável, eles acompanhavam discretamente com o olhar os chefes de bloco que percorriam as fileiras, contando os prisioneiros. Impassíveis, como todos os dias.

No alto da torre, Krämer, decano do campo, entregou ao inspetor-chefe a lista com a população total do campo e, em seguida, apresentou-se frente ao imenso quadrado, conforme as ordens. Seu próprio rosto permanecia impassível, embora seus pensamentos fossem idênticos aos dos milhares de homens atrás dele.

Já fazia tempo que os diferentes chefes de bloco tinham entregue seu relatório a Reineboth, o inspetor-chefe, e também aguardavam na torre, em fileiras desordenadas. Mesmo assim, foi necessária uma hora antes que os números batessem. Por fim, Reineboth dirigiu-se ao microfone.

– Seeentido!

Os ocupantes do imenso quadrado se imobilizaram.

– Em saudação!

Todos juntos, os detentos retiraram seus bonés sujos. Contra a grade de ferro forjado encontrava-se Kluttig, o subchefe de campo, que convidou Reineboth a lhe prestar contas. Despreocupadamente, ele levantou o braço direito. Era assim

havia anos. Na mente de Schüpp, a notícia não parava de atormentá-lo. Ele não conseguiu se impedir de falar e murmurou, com o canto da boca, às costas de Bochow:

– Aqueles lá em cima, logo logo, vão levar fogo no rabo...

Bochow disfarçou o sorriso na pele enrugada de seu rosto sem expressão.

Reineboth voltou ao microfone:

– Coobrir!

Um gesto! Os bonés sujos voltaram às cabeças e, no embalo, eles caíam para a frente, para trás ou para o lado – conferindo aos prisioneiros um ar cômico. Como a exatidão militar precisava ser respeitada, o inspetor-chefe tinha o hábito de berrar no microfone:

– Corrigir!

Dezenas de milhares de dedos giravam os bonés.

– Firmes!

Um único estalar das mãos contra a costura da calça. Eles estavam então corretamente ajustados. O quadrado se petrificou.

O campo era deliberadamente mantido pelos SS em ignorância sobre a guerra. Os dias passavam como se o tempo estivesse congelado. No entanto, sob o desenrolar mecânico dos dias, um vagalhão se formava. Somente alguns dias atrás, Kolberg e Graundenz "... haviam caído após um glorioso combate contra um inimigo superior em número...".

O Exército Vermelho!

"Passagem do Reno em Remagen..."

Os Aliados! O cerco se fechava! Reineboth ainda tinha uma ordem a transmitir.

– Os detentos do armazém de vestuário, a seus postos! Os cabeleireiros, aos chuveiros!

Aquelas ordens não tinham nada de surpreendente. Uma nova leva estava chegando, como sempre nos últimos longos meses. Os campos de concentração localizados mais a leste foram evacuados. Auschwitz, Lublin...

Era necessário que Buchenwald, embora já lotado, acolhesse a maior quantidade possível de prisioneiros. Como o mercúrio de

um termômetro, o número de recém-chegados subia a cada dia. Onde colocá-los todos? Para alocar o fluxo de deportados, tinha sido necessário construir barracões improvisados em terrenos abandonados ao redor do campo. Em antigas cocheiras, eles se amontoavam aos milhares. Com uma cerca dupla de arame farpado em volta, esse lugar foi chamado de “campinho”.

Um campo dentro do campo, separado e regido por suas próprias regras. Homens de todas as nações europeias moravam lá, dos quais ninguém sabia onde ficavam seus antigos lares, cujos pensamentos ninguém adivinhava, e que falavam uma língua que ninguém entendia. Homens sem nome nem rosto.

Dentre os que chegavam de outros campos, metade morrera durante o percurso ou fora morta pelos SS da escolta. Os cadáveres haviam ficado pelo caminho. As listas de comboios não batiam mais, os números de prisioneiros estavam misturados. Qual deles pertencia a alguém vivo, qual deles a um morto? Quem ainda sabia o nome e a origem daqueles homens?

– Debandar!

Reineboth desligou o microfone. O imenso quadrado voltou à vida.

Os decanos dos blocos davam ordens. Os blocos se punham em movimento. A gigantesca silhueta humana se deslocou, a corrente desceu a praça de chamada em direção aos barracões. Lá em cima, os chefes de bloco sumiram pela grade.



Enquanto isso, o trem de mercadorias e sua carga de prisioneiros entrava na estação. Antes mesmo de estar totalmente imóvel, vários SS, com o fuzil ao ombro, correram ao longo dos vagões. Eles quebraram os lacres e abriram as portas corrediças.

– Fora, porcos judeus! Fora! Vamos, fora!

Espremidos uns contra os outros, os deportados estavam apertados dentro dos vagões pestilentos – o oxigênio que penetrou de repente os fez vacilar. Sob os berros dos SS, eles despencaram das aberturas, caindo e rolando uns sobre os

outros. Outros SS os reuniam em rebanho aterrorizado. Os vagões se esvaziavam como úlceras purulentas.

Zacharias Jankowski, judeu polonês, foi um dos últimos a pular do vagão. Um SS acertou uma coronhada em sua mão, quando ele tentou puxar sua mala.

– Judeu sujo, desça!

Jankowski conseguiu pegar a mala, arremessada com fúria pelo SS.

– Você escondeu diamantes roubados, seu porco?!

O polonês puxou sua mala consigo, no meio do rebanho protetor.

Os SS subiram nos vagões e foi a coronhadas que fizeram os retardatários descerem. Eles jogavam os doentes e os moribundos como se fossem sacos velhos. Só ficavam os mortos, armazenados em um canto que, laboriosamente, haviam mantido livre durante o longo percurso. Um dos cadáveres, semiereto, sorria para os SS.



Em cada um dos blocos, mapas estavam colados nas paredes ou na mesa do decano, que, geralmente, era o prisioneiro mais experimentado, o mais antigo. Esses mapas haviam sido recortados em jornais, quando os exércitos fascistas marchavam sobre Minsk, Smolensk, Wjasma e, mais tarde, sobre Odessa, Rostov, Stalingrado.

Os chefes de bloco, SS brutais e briguentos, tinham tolerado os mapas e, quando estavam de bom humor e cantavam a plenos pulmões canções de vitória, costumavam apontar orgulhosamente para as cidades russas.

– E então, onde está seu Exército Vermelho agora?

Fazia tempo.

Agora, seus olhares passavam pelos mapas sem vê-los. Eles também não viam os traços feitos neles pelos prisioneiros. Finos ou grossos, azuis, vermelhos e pretos.

Tocados milhares de vezes por milhares de dedos, os nomes

dos antigos campos de batalha anotados no fino papel-jornal não eram mais do que manchas escuras. Gómel, Kiev, Cracóvia...

A quem isso ainda interessava?

Agora, tratava-se de Küstrin, Stettin, Graudenz, de Düsseldorf e de Colônia.

Mas mesmo estes nomes não eram mais do que manchas muitas vezes arranhadas. Quantas vezes tinham escrito sobre aqueles mapas, rasurado, eliminado, escrito de novo, até que o papel-jornal tivesse desaparecido?

Milhares de vezes, milhares de dedos tinham acompanhado aquelas linhas do *front* que as haviam borrado e... apagado. O fim se aproximava, inexoravelmente!

Agora, mais uma vez, depois que o tumulto das ondas de prisioneiros encheu os barracões que tinham ficado silenciosos durante todo o dia, pencas de prisioneiros se amontoaram diante dos mapas.

No bloco 38, Schüpp abriu caminho em meio ao grupo que estudava o mapa na mesa de Runki.

– Remagen. Fica aqui entre Coblenz e Bona.

– Fica a quantos quilômetros de Weimar? – indagou um deles.

Schüpp fez uma careta de surpresa, piscou os olhos, e refletiu.

– Se eles chegarem por...

Seus dedos seguiam o futuro caminho: Eisenach, Langensalza, Gotha, Erfurt...

Schüpp voltou à realidade.

– Quando eles estiverem em Erfurt, também estarão em Buchenwald.

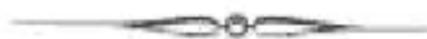
Quando? Vários dias? Semanas? Meses?

– Primeiro, vamos aguardar. Mas para nós só vejo trevas. Você acha que eles, lá em cima, vão nos deixar para os americanos!? Mais fácil nos matar a todos antes disso.

– Você, não comece a bancar o derrotista – disse Schüpp ao cético. O decano do bloco andava nervosamente entre os grupos:

– Então, vocês não vão para o grude?

Os tamancos bateram, as latas estalaram.



Os SS haviam organizado a tropa dos recém-chegados em uma coluna de marcha que, escoltada pela matilha selvagem, movimentou-se em direção ao campo, trôpega e titubeante.

Jankowski tinha conseguido se enfiar no meio de uma fileira, escapando assim à saraivada de golpes desferidos indiscriminadamente pelos SS. Ninguém, na coluna, se preocupava com seu vizinho. Cada um só estava preocupado com sua própria sorte, com o destino incerto que o aguardava. Os doentes e os moribundos, graças ao instinto animal de conservação, eram levados pelos demais. Foi assim que a coluna cambaleou no caminho, e através da grade que conduzia ao campo.

A mão de Jankowski, dormente por causa do golpe recebido, pendia como corpo estranho e prejudicial, doendo terrivelmente. No entanto, por causa da atenção que dava à mala, ele mal sentia aquele suplício. Precisava conseguir, a qualquer custo, que ela entrasse naquele campo ainda desconhecido.

Jankowski espiou rapidamente os locais que o cercavam. Na confusão, deixou-se empurrar pelo estreito portão. Sua experiência o ajudou a esconder-se tão habilmente que pôde passar sem problemas com a tropa, sem mesmo atrair a atenção dos SS.

Era um milagre ele ter conseguido trazer a mala até ali. Jankowski esvaziou a mente para não comprometer nada. Só pensava em uma coisa, em uma oração fervorosa: Deus misericordioso não permitiria que a mala fosse parar nas mãos da SS.

Na praça de chamada, a tropa se reestruturou em fileiras.

Jankowski recorreu às suas últimas forças e marchou em passos medidos com a coluna que entrava no campo. Não tropeçar nem vacilar – não ser notado. Um rugido e um assobio ecoavam em sua cabeça, mas ele aguentou e, aliviado, percebeu

que a coluna era escoltada por prisioneiros.

Na praça vazia, ladeada por altos prédios de pedra, os barbeiros dos blocos estavam sentados em longa fila nas banquetas que haviam trazido. Todos eram muito barulhentos. Os recém-chegados deviam se despir para ir ao chuveiro. Não era nada fácil; um suboficial gritava e vociferava com os novos prisioneiros, espantando-os como galinhas.

Quando finalmente o silêncio se fez, e o suboficial desapareceu nas duchas, Jankowski deixou-se cair no piso de pedras, esgotado. A dor lancinante em sua mão latejava surdamente. De cabeça baixa, Jankowski ficou sentado por um tempo, e sobressaltou-se quando foi violentamente sacudido. Um dos prisioneiros que tinham acompanhado a coluna estava diante dele, era um dos guardas do campo. Falou em polonês:

– Você, não dormir.

Jankowski levantou-se, indeciso.

A maioria já estava nua. Os trapos tinham revelado silhuetas lamentáveis, que aguardavam diante dos barbeiros, tremendo na bruma. Todos os seus pelos e cabelos eram tosados.

Jankowski tentou, com sua mão saudável, retirar seus trapos indigentes. O polonês da guarda o ajudou.

Enquanto isso, dois detentos remexiam nas roupas no solo e, por vezes, pegavam uma sacola ou um pacote fechado para revistá-lo. Jankowski se espantou:

– O que eles estão procurando?

O polonês se virou para os outros dois e deu uma risadinha marota.

– Esses são Höfel e Pippig, do armazém de vestuário.

Ele fez um gesto tranquilizador, mostrando a mala.

– Aqui ninguém vai roubar nada de você. Vá cortar os cabelos, meu irmão.

Descalço, Jankowski foi até os barbeiros, claudicando sobre as pedras pontudas.

Na entrada das duchas, o suboficial, berrando e vociferando, dirigia os recém-chegados até uma grande tina de madeira.

Cinco a seis homens por vez. Eles deviam mergulhar em uma

loção desinfetante que fedia por já ter sido usada muitas vezes.

– A cabeça debaixo d'água, piolhentos!

Com uma pesada clava, ele batia nas cabeças raspadas que desapareciam repentinamente naquele estrume.

– Ele está bêbado de novo – murmurou o frágil Pippig, de pernas tortas, outrora tipógrafo em Dresden.

Höfel não prestou atenção ao comentário. Ele bateu na mala de Jankowski:

– Gostaria de saber o que eles podem arrastar...

Quando Pippig se debruçou sobre a mala, Jankowski chegou tropeçando. A angústia retorcia seu rosto. Ele puxou Pippig de lado e interpelou os dois comparsas, sem poder mais se conter. Eles não entendiam o polonês.

– Quem é você? – perguntou Höfel. – Nome, nome.

O polonês parecia ter entendido.

– Jankowski, Zacharias. De Varsóvia.

– É sua mala?

– *Tak, tak.*

– O que você tem aí dentro?

Jankowski falou, gesticulou e colocou as mãos por cima da mala para protegê-la.

O suboficial saiu correndo das duchas e começou a injuriar quem estivesse no caminho. Para não ser visto, Höfel empurrou o polonês na fila dos que estavam nus. Jankowski caiu direto nas mãos do suboficial, que agarrou seu braço e o jogou na sala das duchas. Empurrado pela multidão assustada, ele teve de entrar na tina.

O calor úmido fazia bem ao seu corpo gelado e, debaixo da ducha, Jankowski relaxou agradavelmente. Tensão e angústia dissiparam-se, sua pele aspirava avidamente o calor.

Pippig, curioso, ajoelhou-se e abriu a mala. Mas voltou a fechá-la imediatamente, e olhou espantado para Höfel.

– O que é?

Pippig abriu novamente a mala, o suficiente para que Höfel, que havia se debruçado, pudesse ver o interior.

– Meu Deus! Feche isso! – murmurou, erguendo-se e olhando

em volta, assombrado, para ver o suboficial. Ele estava na sala das duchas.

– Se encontrarem... – sussurrou Pippig.

Höfel agitava impacientemente os braços.

– Leve isso embora! Esconda! Rápido!

Como um ladrão, Pippig olhou para as duchas e, uma vez convencido de não estar sendo observado, correu rapidamente com a mala em direção aos prédios de pedra, onde desapareceu.

Na sala das duchas, Leonid Bogorski ia e vinha; ele media os recém-chegados. Só vestia uma calça de farda leve e calçava galochas. A água fazia brilhar seu torso atlético. O russo, *Kapo* ou contramestre do *Kommando* dos banhos, estava com os recém-chegados no fundo da sala; ali ele não seria perturbado pelo suboficial, que se divertia ao redor da tina.

Sob o sussurro quente da água, aqueles homens mortificados se acalmavam pela primeira vez desde sua chegada ao campo. Como se a água lavasse todas as suas perturbações, todas as suas angústias, todos os horrores a que haviam sido submetidos. Bogorski conhecia bem essa metamorfose sempre repetida. Ele ainda era jovem, tinha meros trinta e cinco anos. Oficial de aviação. Mas isso os fascistas do campo não sabiam. Aos seus olhos, ele era um prisioneiro de guerra russo que, assim como muitos outros, fora levado a Buchenwald de outro campo. Bogorski fazia de tudo para manter seu anonimato. Ele pertencia ao Comitê Internacional do Campo, o CIC, uma organização clandestina dentro do campo, cuja existência era desconhecida dos demais prisioneiros, mas principalmente dos SS.

Bogorski ia e vinha silenciosamente entre as duchas. Seu sorriso bastava para dar aos recém-chegados um leve sentimento de segurança. Ele parou diante de Jankowski e examinou o homem franzino que se rendia, de olhos fechados, aos benefícios da água quente.

– Quem poderá ser? – imaginou Bogorski, sorrindo em silêncio, antes de se dirigir a ele em polônês perfeito:

– Há quanto tempo você está na estrada?

Jankowski, arrancado de seu devaneio tão estranho quanto

longínquo, abriu os olhos amedrontados.

– Três semanas – respondeu ele, devolvendo-lhe o sorriso, embora soubesse por experiência que o silêncio era a melhor proteção, sobretudo em um lugar novo, ainda desconhecido. Mas Jankowski sentiu de repente a necessidade de se abrir.

Murmurando apressadamente, com o olhar alucinado, ele contou sobre a marcha forçada para Buchenwald, falou dos temores da evacuação. Durante semanas, eles tinham sido empurrados pelos caminhos, fracos e esfomeados, sem repouso nem descanso. À noite, eram reunidos como manadas em campos; esgotados, eles caíam na neve, em sulcos duros como pedra, aglutinados uns contra os outros para proteger-se do impiedoso gelo noturno. Muitos deles, pela manhã, não podiam mais continuar andando! Destacamentos da escolta SS iam então nos campos e executavam aqueles que ainda viviam. Camponeses encontravam os cadáveres e os enterravam. Outros mais caíam pelo caminho! Quantas detonações! E a cada vez que espocavam os tiros de misericórdia, a coluna retomava sua marcha à frente.

– Vamos, bando de porcos! Vamos, vamos!

Quando Jankowski se calou, por não ter mais nada para contar, Bogorski perguntou:

– Quantos vieram de Auschwitz?

Jankowski respondeu baixinho:

– Nós erámos três mil...

Em seu rosto havia um sorriso resignado. Ele queria falar mais. Ele sentia necessidade de confiar o segredo do conteúdo da mala a alguém daquele campo estrangeiro, mas o assobio do suboficial ressoou, a água parou de jorrar, o suboficial separou os prisioneiros e empurrou uma nova leva às duchas.

Jankowski saiu para o frio úmido.

A mala tinha desaparecido!

Höfel, que havia esperado pelo polonês, colocou rapidamente a mão em sua boca, e murmurou:

– Cale a boca! Está tudo em ordem.

Jankowski entendeu que deveria se comportar calmamente –

ele olhou para o alemão, que o intimou:

– Pegue seus trapos e caia fora.

Höfel jogou suas coisas nos braços de Jankowski e o empurrou com impaciência na fila dos que deviam ir ao armazém de vestuário, para trocar suas roupas sujas por uniformes regulamentares.

Jankowski dirigiu-se ao alemão. Embora Höfel não entendesse polonês, percebeu a angústia em seus propósitos. Deu-lhe um tapa reconfortante nas costas e disse:

– Sim, sim, sim, está tudo bem. Agora ande, ande.

Levado pela multidão, Jankowski não teve outra escolha a não ser ir ao armazém de vestuário com os demais.

– Nada mau? Realmente nada mau?

Höfel fez-lhe um sinal.

– Nada mau. Realmente nada mau...



Como um garotinho feliz por ter recebido presentes, Pippig havia galgado de quatro em quatro os degraus que levavam ao armazém de vestuário.

Naquela hora tardia da tarde, não havia mais nenhum prisioneiro na comprida sala abarrotada com milhares de sacos de pertences dos civis. Somente o velho August Rose ainda se encontrava atrás do balcão, remexendo em seus papéis.

Ele olhou com surpresa para Pippig, que entrava.

– O que você ainda está fazendo por aqui?

Com um gesto de mão, Pippig ignorou a pergunta.

– Onde está Zweiling?

Rose mostrou com o polegar o escritório do primeiro oficial.

– Passar bem – disse Pippig com pressa, antes de recuar agilmente para dentro da sala escura. Rose olhou para ele e observou o primeiro oficial, que podia ver em sua sala, através da grande vidraça.

Zweiling estava sentado à sua mesa, com um jornal aberto diante de si e a cabeça entre as mãos. Parecia estar dormindo.

Mas o homem, magro e seco, não dormia; sonhava acordado com as últimas notícias do *front*.

Pippig entrou, fez um sinal tranquilizador para Rose, abriu ruidosamente a porta da secretaria ao lado do escritório, e gritou em volume exagerado:

– Marian, vem cá, precisamos de um intérprete!

Zweiling sobressaltou-se. Ele viu o polonês ir embora com Pippig.

Pippig fez um rápido sinal a Kropinski, e ambos escapuliram por trás. No canto mais recôndito da sala, desapareceram atrás das altas pilhas de sacos cheios de roupas que haviam pertencido aos detentos mortos. Ali estava a mala.

Pippig, rápido e excitado, esticou o pescoço para olhar em volta, esfregou as mãos e sorriu para Kropinski, o que significava: “Agora, veja bem o que eu trouxe...”, em seguida, abriu as fechaduras da mala. Orgulhoso, ele colocou as mãos nos bolsos e apreciou o efeito surpresa.

Na mala, encolhida, com as mãozinhas sobre o rosto, estava uma criança, coberta de trapos. Um garotinho que mal tinha três anos.

Kropinski se acocorou e olhou para o menino. Ele estava imóvel. Pippig acariciou o pequeno corpo com ternura.

– Uma lombriguinha. Que nos mandaram.

Agarrando-o pelo ombro, ele quis virar o garoto, que pareceu relutar. Finalmente, Kropinski encontrou as palavras certas.

– Coitada dessa coisinha – disse ele em polonês. – De onde você vem?

Ao ouvir a voz em polonês, o menino levantou a cabeça como um inseto esticando suas antenas. Um sinal fraco, mas um primeiro sinal de vida para os dois comparsas, tão incrivelmente excitante que os deixou enlevados, olhando o garoto nos olhos. Seu rostinho magro já tinha a seriedade de um homem sábio, e a luz em seus olhos não era nada infantil. Ele olhava para aqueles homens, cheio de muda expectativa. Eles mal ousavam respirar.

Rose não conseguira vencer a curiosidade. Ele havia se esgueirado em silêncio para o canto do vestiário e, de repente,

encontrava-se diante dos dois comparsas.

– O que está acontecendo?

Pippig virou-se sobressaltado e grunhiu para Rose, surpreso:

– Você ficou maluco? Vir até aqui! Caia fora! Você quer nos jogar nas garras de Zweiling?

Rose balançou a cabeça:

– Ele está dormindo.

Curioso, ele se inclinou por cima da criança:

– Você arrumou um belo brinquedo.

Na entrada, alguns dos recém-chegados, que deviam entregar alguns pertences, uma aliança ou um molho de chaves, estavam ao lado do balcão. Os prisioneiros do *Kommando* conservavam seus pertences em sacos de papel, e Höfel, na qualidade de *Kapo*, supervisionava as operações.

Ao seu lado, Zweiling observava. Sua boca constantemente semicerrada conferia ao seu rosto inexpressivo um vazio particular.

As bugigangas não o interessavam, ele saiu do balcão. Com o olhar, Höfel acompanhou o SS, cujo andar despreocupado dava à sua magra silhueta o jeitão de um prego torto. Tenso, Zweiling retornou ao seu escritório.

As passagens já estavam quase vazias e, finalmente, Höfel teve a possibilidade de ocupar-se da criança. Rose, que tinha retornado à entrada, segurou-o.

– Se você está procurando pelo Pippig... – Com ar de profunda curiosidade, ele indicou o fundo do armazém. Höfel retorquiu:

– Eu sei. Nenhuma palavra, entendeu?

Rose disse, indignado:

– Você acha que sou um dedo-duro?

Ofendido, ele olhava para Höfel. Os demais prisioneiros estavam curiosos e faziam perguntas, mas Rose não disse uma palavra. Com um sorriso cheio de mistérios, ele foi até sua escrivaninha.

O garoto estava sentado bem ereto dentro da mala; Kropinski, ajoelhado diante dele, tentava fazer com que falasse.

– Como você chamar? Me dizer. Onde está papai? Onde está

mamãe?

Höfel tinha entrado. Pippig murmurava, perplexo:

– O que vamos fazer com essa coisinha? Se o descobrirem, eles o matam.

Höfel ajoelhou-se e examinou o rosto do menino.

– Ele não falar – explicou Kropinski, decepcionado.

O desconhecido parecia impressionar o menino, ele puxava-lhe o casaco desgastado e seu rosto permanecia estranhamente imóvel; aparentemente, ele não sabia o que significava chorar.

Höfel segurou a mãozinha nervosa.

– Quem é você, meu pequeno?

A criança moveu os lábios e engoliu em seco.

– Está com fome – exclamou Pippig. – Vou buscar alguma coisa para ele.

Höfel se levantou e respirou profundamente. Os três se entreolharam, com ar embaraçado. Höfel empurrou o boné para trás.

– Sim... sim, sim... naturalmente.

Pippig considerou aquilo uma aprovação ao que havia dito, e quis ir embora. Mas aquelas palavras sem sentido não eram mais do que uma tentativa de Höfel de expressar e pôr ordem em suas ideias confusas. O que iria acontecer com a criança? Aonde levá-la? Por enquanto, o garoto tinha de ficar ali. Höfel reteve Pippig e refletiu.

– Prepare um ninho aconchegante para ele – recomendou a Kropinski.

– Pegue uns agasalhos velhos, ponha todos eles em um canto do vestiário, e... – Ele parou. Pippig o olhou com ar interrogativo. Era possível ler um pavor repentino no rosto de Höfel.

– E se o menino gritar...?

Höfel colocou a mão na testa.

– Crianças se assustam, e aí gritam... Caramba...! – Ele olhou para o menino. Demoradamente. – Talvez... talvez ele possa *não* gritar? – Höfel agarrou o moleque pelos ombros e o sacudiu devagar. – Você não pode gritar, entendeu? Senão os SS vão pegar você. – O rosto do garoto exprimiu uma súbita careta de

pavor. Ele se soltou do abraço, pulou para dentro da mala e se encolheu sobre si mesmo, escondendo o rosto entre suas mãos.

– Ele entende – constatou Pippig.

Para comprovar o seu palpite, ele fechou a tampa da mala. Eles aguardaram; no interior, nenhum barulho.

– Com certeza – repetiu Pippig. – Ele sabe.

Ele abriu de novo a mala, a criança não havia se movido. Kropinski o pegou e o segurou com as duas mãos, como um inseto enrugado. Perturbados, eles todos olhavam para aquele ser estranho.

Höfel pegou o garoto das mãos de Kropinski e o virou de todos os lados para examiná-lo. Pernas e cabeça encolhidas, mãozinhas sobre o rosto, a criança parecia ter sido arrancada das entranhas de sua mãe, ou ser um escaravelho fazendo-se de morto. Enternecido, Höfel devolveu o pequeno ser a Kropinski, que o abraçou e murmurou palavras apaziguadoras em polonês.

– Ele com certeza vai ficar quieto – disse Höfel. Ele apertava os lábios. Imediatamente os três homens entreolharam-se. Cada um aguardava que o outro tomasse uma decisão naquela situação incomum. Höfel, preocupado que Zweiling pudesse perceber sua ausência, chamou Pippig com ele.

– Venha, precisamos voltar para a entrada. – Em seguida, voltou-se para Kropinski. – Cuide do garoto até que nós estejamos de volta.

Kropinski colocou de volta o pacotinho duro na mala, levou-o até o vestiário, no sótão, e, enquanto preparava uma cama improvisada com casacos, suas mãos tremiam. Ele depositou com cuidado o menino sobre ela, cobriu-o e retirou delicadamente as mãozinhas de seu rosto. Reparou na fraca Resistência da criança, cujos olhos permaneciam fechados e crispados.

Mais tarde, quando Pippig retornou sorrateiramente com um pouco de café e um pedaço de pão, Kropinski havia conseguido acalmar tão bem o garoto que ele tinha aberto os olhos. Kropinski o fez sentar-se e lhe ofereceu a caneca de alumínio. O menino bebeu com avidez. Pippig o incentivou a pegar a fatia de pão, mas a criança recusou.

– Ele está com medo – presumiu Pippig, e enfiou-lhe o pão entre as mãos. – Coma – encorajou-o amigavelmente.

– Agora, você deve comer e dormir, e não deve ter medo – sussurrou Kropinski. – O bom irmão Pippig e eu vigiar você, e eu levar você de volta para a Polônia. – Abrindo um grande sorriso, ele apontou o dedo para si mesmo. – Lá pra minha pequena casa.

O menino olhou para Kropinski, com o rosto descontraído e atento. Ele entreabriu a boca. De repente, rastejou para debaixo dos casacos, esperto como um animal. Os dois homens aguardaram algum tempo, mas o garoto não reapareceu. Cuidadosamente, Kropinski levantou o casaco. A criança, deitada de lado, mastigava o pão. Com ternura, Kropinski voltou a cobri-la, em seguida eles afastaram-se do cantinho cuja entrada haviam ocultado com uma pilha de sacos. Eles ficaram vigilantes. Como pano de fundo, o silêncio.

Quando eles chegaram à entrada, os prisioneiros do *Kommando* se reuniam para o controle da noite. Os membros do *Kommando* do armazém de vestuário tinham jornadas de trabalho mais longas e, por isso, eram isentos da chamada noturna. Eles eram contados no local de trabalho pelo chefe do *Kommando*, um suboficial SS, que prestava contas ao inspetor-chefe, responsável pela exatidão dos efetivos. Höfel disfarçou, diante do primeiro oficial, para dissimular o atraso dos dois outros, e grunhiu com raiva:

– Querem que a gente mande um convite extra?

Com o boné na mão, ele ficou em posição de sentido diante de Zweiling e anunciou:

– *Kommando* do armazém de vestuário, vinte prisioneiros presentes. – Em seguida, juntou-se aos outros na fileira. Zweiling, empertigado como um I, passou as fileiras em revista.

Höfel estava muito tenso. Ele estava atento ao menor barulho atrás dele. Será que o menino se assustaria e começaria a gritar?

Após ter contado, Zweiling fez um gesto negligente com a mão, que significava “debandar”. As fileiras se desfizeram e os prisioneiros voltaram às suas ocupações. Somente Höfel ficou.

Ele não tinha reparado no gesto do primeiro oficial.

– O que está acontecendo? – perguntou Zweiling com voz inexpressiva e pastosa.

Höfel caiu em si com um sobressalto.

– Nada, primeiro oficial.

Zweiling foi até o balcão e assinou a folha de chamada.

– No que você estava pensando há pouco?

Ele queria parecer simpático.

– Em nada, primeiro oficial.

Zweiling passou a língua pelos lábios, como fazia quando sorria.

– Você já se imaginava em casa, não é?

Höfel deu de ombros.

– Por quê? – perguntou, intrigado. Zweiling não respondeu. Arvorando um sorriso enigmático, ele retornou ao seu escritório. Pouco depois, voltou a sair para entregar o relatório. Ele vestia seu casaco de couro castanho, o que significava que não voltaria mais naquela noite. Höfel é quem deveria entregar as chaves ao guarda, ao fim do trabalho.

Na secretaria, os detentos, tomados pela curiosidade, agruparam-se em torno de Höfel; eles queriam saber mais. Rose havia aberto o bico. Ele se defendeu de corpo e alma ao ser repreendido por Höfel.

– Não tenho nada a ver com as besteiras que você faz.

Os prisioneiros estavam agitados.

– Onde está o menino?

– Silêncio! – advertiu-os Höfel e, dirigindo-se a Rose: – Não queremos confusão. O menino permanece aqui por uma noite, amanhã nós o levaremos. – Os prisioneiros queriam ver a criança. Eles se esgueiraram para o esconderijo. Kropinski ergueu o casaco de mansinho. Uns olhando por cima dos ombros dos outros, os homens observavam a coisinha. Deitado, ele dormia, encolhido como uma minhoquinha. Um brilho perpassou o rosto dos detentos, que há muito não viam uma criança. Que surpresa!

– Como um verdadeiro homenzinho...

Höfel deixou que eles olhassem à vontade. Kropinski estava encantado com seu achado. Carinhosamente, ele voltou a colocar o casaco sobre a criança adormecida, enquanto os detentos desapareciam, na ponta dos pés. Naquela noite, eles vagavam sem nada fazer, da secretaria ao balcão, brincando e gracejando sem bem saber por quê. O mais feliz era Kropinski.

– Uma pequeno polonês – não parava de dizer, feliz e orgulhoso.



Pippig notou que Höfel o estava evitando. Após a jornada de trabalho, sentou-se ao lado dele na mesa do bloco e observou-o engolir colheradas de sopa fria, sem demonstrar fome. Höfel temia a pergunta escondida no silêncio de Pippig; ele jogou a colher em sua vasilha e se levantou.

– O garoto precisa ir embora?

Com um gesto, Höfel ignorou a pergunta de Pippig, abriu passagem em meio às fileiras de mesas abarrotadas e foi lavar sua colher. Pippig o seguiu. Ali eles estavam a sós.

– Para onde você quer mandá-lo?

Esse monte de perguntas! Höfel franziu o cenho, irritado.

– Não torre a minha paciência.

Pippig se calou. Ele não estava acostumado a ouvir esse tom de voz por parte de Höfel, que deu-se conta disso e, meio zangado, meio na defensiva, prosseguiu bruscamente:

– Tenho meus motivos. Ele vai embora amanhã. Sem mais perguntas!

Ele saiu do canto da louça. Pippig ficou para trás. O que estava se passando na cabeça de Höfel?

Ele já tinha saído do bloco apressadamente. Lá fora, um chuvisco fino e penetrante continuava a cair. Höfel estremeceu e deu de ombros. Ele lamentava ter sido tão rude com Pippig. Porém, não podia explicar os motivos de sua recusa ao valoroso cúmplice; era um segredo bem guardado. Ninguém sabia que ele era o antigo sargento de uma guarnição do Reich em Berlim e

membro de uma célula do partido, um dos instrutores militares do grupo de Resistência internacional, aqui, dentro do campo. Ninguém sabia de nada.

Com o decorrer do tempo, o Comitê Internacional do Campo, o CIC, tinha se transformado no coração da Resistência. Originalmente, os membros do partido haviam se unido, como representantes de suas nações no seio do Comitê Internacional do Campo, para criar uma comunidade no meio dos milhares de deportados, formar entendimentos entre as nações e, com a ajuda dos melhores, despertar um sentimento de solidariedade – o que, no início, definitivamente ainda não estava presente. Entre os prisioneiros alemães havia alguns blocos repletos de prisioneiros de direito comum. Entre eles, um grande número de bandidos que, para obter vantagens pessoais, se desonraram tornando-se criaturas complacentes dos SS e, sob a proteção dos chefes de bloco e de *Kommando*, tornaram-se delatores – os “dedos-duros”, como eram chamados no campo. Entre os prisioneiros políticos também havia, em todos os blocos e entre todas as nacionalidades representadas, elementos versáteis, cujo medo de morrer prevalecia sobre a segurança da comunidade.

Com efeito, aqueles que ostentavam um “triângulo vermelho” não eram todos “políticos”, isto é, não eram todos opositores convencidos do fascismo. “Resmungões” e outras pessoas malvistas, detidas pela Gestapo, deviam portar o triângulo dos políticos, tanto que a composição dos blocos compreendia políticos de caráter “versátil” e criminosos notórios. Alguns ocupantes deveriam carregar, em seu lugar, o triângulo verde dos prisioneiros de direito comum. Entre os blocos dos alemães e dos estrangeiros, dos poloneses, dos russos, dos franceses, dos holandeses, dos tchecos, dos dinamarqueses, dos noruegueses, dos austríacos, e das inúmeras outras categorias de prisioneiros, nenhum acordo parecia ser possível, em razão das diferenças de língua e outros motivos de impedimento. Os camaradas do CIC tinham, antes de mais nada, de sobrepujar inúmeras dificuldades antes de conseguir anular a desconfiança dos prisioneiros estrangeiros, que tinham muita dificuldade em se acostumar a

considerar como camaradas os detentos alemães de um campo de concentração do Reich fascista. Um trabalho perseverante, secreto, às vezes até perigoso, por parte do CIC, era necessário para despertar entre os milhares de prisioneiros um sentimento de parentesco e conquistar sua confiança. Em todos os blocos, os camaradas colocaram homens de confiança e, lentamente, o CIC infiltrou-se entre os prisioneiros sem que ninguém suspeitasse da existência de um elo tão secreto. Nenhum membro do CIC ocupava cargo exposto no campo nem se sobressaía, para que falassem dele. Eles levavam uma vida simples e discreta. Bogorski no *Kommando* das duchas; Kodiczek e Pribula, trabalhadores no barracão de ótica; Van Dalen, simples atendente da enfermaria; Riomand, cozinheiro francês no cassino dos oficiais, onde era muito apreciado pelos de gosto refinado; e Bochow, segundo secretário do bloco 38. Para o antigo deputado comunista de Bremerhaven e para suas missões secretas, um esconderijo bastante seguro. Sua habilidade em manipular a caneta e desenhar belos caracteres o havia tornado precioso aos olhos do chefe profundamente estúpido do bloco, um oficial menor. Bochow devia preencher para ele dezenas de fichas cartonadas com máximas inspiradoras. E assim, Bochow escrevia: “Honra e fidelidade”, “Um povo, um Reich, um Führer”. O oficial menor distribuía as obras entre seus conhecidos e delas tirava subsídios anexos. Ele nunca imaginou que seu secretário pudesse ser outra coisa que não um “inofensivo” prisioneiro.

Tinha sido Bochow, durante uma discussão do CIC, quem propôs André Höfel como instrutor militar dos grupos de Resistência.

– Eu o conheço bem, é um bom e velho amigo. Vou falar com ele.

Havia um ano, Bochow, após a chamada noturna, ia e vinha em companhia de Höfel, em um canto afastado (porque o que ele tinha a dizer não podia ser ouvido por ninguém), em uma noite de chuva como esta. O cinquentão caminhava ao lado do esbelto Höfel, dez anos mais novo, mãos nos bolsos. A voz profunda e sonora de Bochow havia ressoado nos tímpanos de Höfel. Frase

após frase, Bochow tinha ponderado suas palavras, de forma a revelar somente aquilo que Höfel deveria saber.

– Devemos nos preparar, André... para o fim... grupos de combate internacionais... você entende... armas...

Höfel parecera surpreso e, com um sinal de mão, Bochow cortara toda e eventual pergunta:

– Mais tarde. Agora não.

E para terminar, quando se separaram:

– Você não deve fazer nada que possa atrair atenção, mas nada mesmo, entendeu?

Isso havia acontecido um ano atrás; desde então, tudo havia corrido perfeitamente. Nesse meio-tempo, Höfel havia aprendido de onde tinham vindo as armas sobre as quais Bochow não queria falar antes. Os prisioneiros haviam fabricado secretamente armas de impacto e de curto alcance nas diferentes oficinas do campo. Prisioneiros de guerra soviéticos produziam, nos tornos das fábricas de armamento de Weimar onde eram forçados a trabalhar, granadas de mão, que eles contrabandeavam para dentro do campo – enquanto os especialistas que atuavam na enfermaria do campo e no serviço de patologias conseguiam elaborar cargas explosivas para as granadas, desviando produtos químicos. Agora, Höfel sabia de tudo; à noite, quando ensinava em um local secreto a manipulação de armas aos camaradas do grupo, sentia-se particularmente feliz em poder ilustrar seus ensinamentos com uma pistola Walther 7.65 mm. Essa arma tinha sido roubada de Kluttig, o subchefe de campo, durante uma orgia, por um dos detentos que devia servir aquele bando de bêbados. O ladrão nunca foi pego: Kluttig, anticomunista ferrenho, não podia acreditar que um prisioneiro fosse capaz de tal façanha. Ele suspeitava de um de seus companheiros de bebedeira. Mas que sangue-frio tivera aquele sujeito, que após o serviço, retornara ao campo com seu *Kommando* de escravos, e que bem debaixo do nariz dos SS havia carregado uma 7.65 mm por baixo de seu uniforme! Sangue-frio que Höfel sentia toda vez que ele segurava a preciosa arma, que ele retirava de seu esconderijo e que dissimulava ao longo de seu corpo para ir dar

sua aula, atravessando o campo. Passando em frente de inocentes amigos que o cumprimentavam, diante de tantos SS. Nesses momentos, ele sentia o frio do metal contra sua pele.

E sempre tinha dado tudo certo!

Mas eis que de repente um pobre menino havia chegado ao campo! Tão discretamente e com tantos perigos quanto, outrora, aquela Walther 7.65 mm. Ele não podia falar disso com ninguém – salvo com Bochow. Höfel só tinha de dar alguns passos até o bloco 38, mas ainda era um longo caminho.

Uma pesada pedra oprimia seu peito. Deveria ter agido de outra forma? Uma pequena centelha de vida tinha aparecido, sobrevivente de um campo da morte. Não devia ele preservar do aniquilamento aquela coisinha?

Höfel ficou imóvel e olhou para as pedras úmidas e brilhantes aos seus pés. Em qualquer outro lugar na Terra, não poderia haver nada mais óbvio.

No mundo inteiro!

Mas não aqui!

Ele pensava nisso.

Previsões dos perigos que poderiam ser causados por essa centelha alarmante, chocando em um esconderijo do campo, invadiam sombriamente o espírito de Höfel, mas ele as afastou de si. Talvez Bochow pudesse lhe dar uma ajuda?

O bloco 38 era um desses prédios de pedra com um andar que haviam sido erigidos bem mais tarde, no prolongamento dos primeiros barracões de madeira. Assim como os demais blocos de pedra, ele continha quatro grandes salas, com seus dormitórios contíguos. Não era raro que o *Kapo* do armazém de vestuário aparecesse em um dos blocos. Assim, os detentos não prestaram atenção à chegada de Höfel. Bochow sentou-se à mesa do decano e preparou as listas de chamada para a manhã seguinte. Höfel abriu caminho em meio à sala lotada e foi até a escrivaninha de Bochow.

– Você me acompanha até lá fora?

Sem uma palavra, Bochow se levantou, vestiu seu casaco, e eles saíram. Do lado de fora, não falaram com ninguém. Foi

somente ao chegar no largo caminho que levava para a enfermaria, pelo qual iam e vinham muitos detentos, que Höfel disse:

– Preciso falar com você.

– É importante?

– Sim.

Eles falavam em voz baixa, sem chamar atenção.

– Um Jankowski polonês, Zacharias, trouxe uma criança...

– É isso que você diz ser importante?

– O menino está comigo, no armazém de vestuário.

– O quê? Como?

– Eu o escondi.

Höfel não podia enxergar direito a expressão de Bochow na escuridão. Um detento apressado, voltando da enfermaria, de cabeça baixa para se proteger da chuva, cruzou com eles. Bochow aguardou.

– Ei! Você ficou louco?

Höfel ergueu as mãos.

– Eu posso explicar, Herbert...

– Não quero saber de nada.

– Sim, você tem de saber – insistiu Höfel.

Ele conhecia bem Bochow, sempre rígido e inflexível. Eles retomaram sua caminhada e, de repente, Höfel sentiu calor. Sem nenhum motivo, ele disse:

– Eu mesmo tenho uma criança em casa, que hoje tem dez anos, e que nunca vi.

– Puro sentimentalismo. Você tem ordens estritas de ficar de fora de qualquer história. Esqueceu?

Höfel se defendeu:

– Se o menino cair nas mãos dos outros, lá em cima, adeus! E eu não posso simplesmente botá-lo para fora: nós o encontramos em uma mala.

Eles tinham quase chegado à enfermaria, deram meia-volta e retornaram. Höfel sentia a rigidez que emanava de Bochow, e dirigiu-se a ele em tom de profunda censura:

– Meu Deus, Herbert, você não tem coração?

– Se isso não é sentimentalismo!

Descuidado, Bochow tinha falado muito alto. Ele se controlou e disse, mais baixo:

– Sem coração? Não se trata somente de uma criança, mas de cinquenta mil homens!

Höfel caminhava silenciosamente ao lado dele, estava muito nervoso, a objeção de Bochow o deixara desnorteado.

– Está bem – disse após alguns passos. – Então amanhã eu levo a criança até a entrada.

Bochow sacudiu a cabeça.

– Você quer consertar uma besteira com outra?

Höfel se irritou.

– Ou eu escondo o garoto, ou me livro dele!

– Mas que belo estrategista...

– Então o que devo fazer?

Höfel tirou as mãos dos bolsos e abriu os braços em sinal de impotência. Bochow não queria partilhar da excitação de Höfel. Para contê-la em seu camarada, ele disse, de forma pragmática e com certa indiferença:

– Ouvi dizer na secretaria que um comboio irá partir, e vou fazer com que o polonês faça parte dele. Você lhe devolve a criança.

Höfel ficou chocado diante daquela dura decisão. Bochow parou, chegou bem perto de Höfel e o encarou.

– Alguma outra ideia?

Höfel respirava com dificuldade. Bochow sentia o que estava em jogo.

Pesando os prós e os contras, seus deveres no campo revelavam-se prioridade em relação a todo o resto. Poderia Bochow, que o CIC nomeara responsável pelos grupos de Resistência, colocar em perigo uma criança por causa do instrutor militar dos grupos, ou colocar em perigo esses mesmos grupos? Ou mesmo toda a organização tão laboriosamente montada? Sem falar na guarda do campo, que era, de um ponto de vista externo, uma estrutura perfeitamente legal, mas, na realidade, uma organização militar excepcional? Nunca se sabia o que um

assunto de aparência inofensiva podia representar. Um garotinho provoca a faísca e, de repente, tudo explode em chamas, tudo é reduzido a cinzas. Isso era o que se passava pela cabeça de Bochow, enquanto olhava para Höfel. Ele se preparava para continuar, e disse, seu tom de voz beirando a tristeza:

– Acontece que o coração pode ser uma coisa muito perigosa! O polonês vai saber o que fazer com o menino. Se ele conseguiu chegar aqui com ele, vai saber como tirá-lo daqui.

Höfel continuava calado. Eles tinham desviado do caminho da enfermaria e encontravam-se agora entre os barracões. O lugar estava deserto. A cerração fria os fazia tremer. Na escuridão, mal conseguiam distinguir seus rostos. Höfel afundara suas mãos nos bolsos, os ombros encolhidos, tiritando. Ele não parecia querer ir embora. Bochow o pegou pelo ombro e o chacoalhou.

– Não crie caso, André – aconselhou em tom amigável. – Volte para o seu buraco, e eu o mantenho informado.

Os dois se separaram.

Bochow observou Höfel se afastar a passos cansados. O remorso comprimia o peito de Bochow, sem que ele soubesse a quem tal sensação se dirigia, se a Höfel ou ao garoto, ou àquele polonês desconhecido que ignorava que, naquele momento, tivera o seu destino selado. Selado por prisioneiros, pelos seus semelhantes, que, coagidos pelos eventos, exerciam sua violência contra ele. Bochow afastou esses pensamentos. Ali, devia-se agir rapidamente e sem remorsos. Ele não hesitou. Depressa, correu para o bloco! Runki, o decano de seu bloco, estava levando à secretaria a lista de efetivos, quando Bochow o pegou na porta.

– Me dê isso aqui, Otto, eu levo até lá.

– Algum problema? – perguntou Runki, ao perceber o tom estranho de Bochow.

– Nada especial – respondeu ele.

Runki sabia que Bochow fazia parte do círculo dos antigos prisioneiros cujas palavras tinham peso. Sobre o CIC e a participação de Bochow nesse comitê, ele não fazia a menor ideia. Entre os prisioneiros políticos, a lei da conspiração era

eficaz – aliás, ela os unia em uma confiança infalível. Não havia curiosidade, somente um silêncio compreensivo que reinava sobre tudo aquilo que acontecia no campo. Uma disciplina severa e a consciência de pertencimento incondicional ao partido não davam lugar às coisas de que não se precisava saber. Havia uma submissão natural: servir o essencial mantendo o silêncio. Era assim que eles se protegiam uns aos outros e preservavam os maiores segredos. Aqueles prisioneiros formavam uma grande rede que se estendia por todo o campo. Em todas as partes, camaradas carregavam em si mesmos o que sabiam e não diziam nada.

O partido ao qual estavam ligados permanecia ao lado deles no campo, invisível, inatingível, onipresente. Por vezes, era revelado a um ou outro dos camaradas, mas unicamente se eles se mostrassem dignos dessa revelação. Do contrário, eram todos iguais, em miseráveis trapos, com um triângulo vermelho e o número no peito, a cabeça raspada... Então Runki não fez nenhuma pergunta quando Bochow recolheu as folhas de chamada.

Na sala vizinha à secretaria, onde ficavam os dois decanos do campo, Krämer e Pröll, o trabalho cotidiano da noite já estava encerrado. Pröll, subdecano do campo, tinha tarefas na secretaria. Além de Krämer, o primeiro decano, que redigia a lista de chamada geral para a manhã seguinte a partir das listas de cada bloco, encontravam-se ali alguns outros decanos e secretários de bloco. Eles vinham entregar seus relatórios e conversavam.

Bochow entrou. Por seu comportamento, o decano percebeu que algo perturbava o secretário do bloco 38. Krämer também fazia parte do círculo daqueles que sabiam e se calavam. Sua nomeação para o cargo fora realizada pelos companheiros do CIC. Para a importante posição, anteriormente ocupada por um criminoso indicado por Kluttig – que tinha abusado de suas funções para conseguir vantagens pessoais e sido demitido –, era necessário um companheiro confiável. Os membros do CIC tinham sugerido Walter Krämer como decano.

Sabendo tirar vantagem da rivalidade entre Kluttig e o chefe do campo, o comandante Schwahl, os companheiros decidiram “transformar” Krämer em decano. O cabeleireiro de Schwahl, um prisioneiro de confiança que o servia todas as manhãs, foi encarregado da tarefa. Enquanto Kluttig preferia recorrer a elementos criminosos para realizar as tarefas, Schwahl preferia a inteligência e a exatidão dos prisioneiros políticos. Os constantes atritos entre Kluttig e Schwahl, por causa de suas posições contrárias, eram conhecidos em todo o campo. Schwahl só tinha aceitado o conselho de seu cabeleireiro a respeito de um preso político para tirar de seu campo de visão.

Assim, Krämer foi oficialmente feito decano pelo chefe do campo. Ele, que na verdade não pertencia ao CIC, estava sempre no âmago dos acontecimentos, devido à sua função. Tudo o que acontecia dentro do campo tinha de passar por ele. Ele recebia as ordens de Schwahl, do subchefe de campo e do inspetor-chefe. Era preciso obedecer às ordens, mas sempre assegurando a sobrevivência e a segurança dos detentos. Muitas vezes isso exigia inteligência e diplomacia. Krämer, caldeireiro forte e de ombros largos de Hamburgo, era a calma em pessoa.

Era preciso muito para abalá-lo. Em colaboração silenciosa com seus companheiros do partido, ele cumpria suas difíceis funções. O partido, ilegal no campo, era personificado por Herbert Bochow. Sem que nunca isso fosse dito, Krämer sabia que o que vinha de Bochow emanava do partido. Esforçando-se por fornecer ao decano o mínimo de informações sobre essa estrutura ilegal, Bochow exagerava bastante. “Não faça perguntas, Walter, é melhor para você” era a resposta padrão quando Krämer desejava conhecer o sentido de certas disposições comunicadas por Bochow. Então Krämer se calava, embora considerasse por vezes ridículo manter tanto mistério. Em seguida, tentava dar um tapa no ombro de Bochow: “Não se preocupe, Herbert, estou sabendo...” Frequentemente, ele ria em silêncio, sabendo de tudo o que lhe era escondido, mas às vezes também se irritava. Em muitos casos, Bochow fazia melhor dando algumas explicações, na opinião de Krämer. Ele olhou insistentemente para Bochow.

– Uma história bem boba – começou.

– O que foi?

– Você está preparando um novo comboio?

– Sim, e daí? – retorquiu Krämer. – Pröll está ali terminando a lista.

– Um polonês chegou com o último comboio. Ele se chama Zacharias Jankowski. Ele com certeza está no campinho. Você pode incluí-lo no seu comboio?

– O que ele fez?

– Nada – respondeu Bochow com ar sombrio. Você deve falar com Höfel. Ele vai entregar-lhe algo junto com o polonês.

– O que é?

– Uma criança.

– Uma o quê?!

Krämer jogou longe o lápis preto com o qual fazia anotações. Bochow reparou em sua surpresa.

– Por favor, não faça perguntas. É isso aí.

– Mas uma criança? Caramba, Herbert! O comboio parte para o desconhecido! Você sabe o que isso significa?

Bochow ficou nervoso.

– Não posso dizer mais nada.

Krämer se levantou.

– Qual o problema com a criança? O que está acontecendo com ela?

Bochow esquivou-se da pergunta.

– Nada. Trata-se de outra coisa.

– Acredito – Krämer ofegou. – Escute, Herbert, eu não faço muitas perguntas porque sempre confio que...

– Então não faça perguntas.

Krämer o fitou com uma expressão soturna.

– Às vezes, você complica muito minha vida, Herbert.

Herbert pôs a mão em seu ombro para apaziguá-lo.

– Não tem mais ninguém para cuidar do assunto. Höfel já está sabendo. Diga-lhe que eu o mandei.

Krämer resmungou com ar amuado. Estava descontente.



Höfel tinha voltado para seu canto, correndo nervosamente entre os blocos. Alguns detentos retardatários se apressavam para retornar aos seus blocos. Apitos ressoavam em breves intervalos. O decano do campo realizava sua ronda noturna. Seus apitos significavam que nenhum detento podia estar do lado de fora. Eles pareciam cada vez mais afastados e fracos. Os telhados dos barracões brilhavam, encharcados pela chuva. Sob os passos de Höfel, o pedrisco chiava e estalava. Por vezes ele tropeçava, não prestando mais atenção ao caminho, de tanto rancor que tinha contra Bochow. O que é que ele ia fazer com a criancinha? Tremendo, Höfel entrou em seu bloco. A grande sala estava vazia, todos já estavam esticados em suas camas. Alguns prisioneiros, responsáveis pelas tarefas domésticas, balançavam as vasilhas de sopa fazendo barulho. Em sua escrivaninha, jazia o decano. A sala estava ainda cheia do cheiro frio da sopa de repolho da noite, misturado ao odor dos trapos, largados em cima dos bancos. Ninguém prestou atenção a Höfel, que se despiu e colocou suas roupas no seu espaço livre do banco. Mas será que Bochow não tinha razão? *O que me importa esse menino estrangeiro, pensou Höfel. Estou me preocupando demais com ele.*

Esse pensamento o atormentava tanto, que ele sentiu vergonha. Mas quando quis afastá-lo, ele se lembrou de sua esposa Dora. Por que isso tinha surgido tão de repente? A criança, em seu canto, a tinha feito surgir do calabouço de seu coração? Essa lembrança o invadiu, e ele ficou surpreso que ela se encontrasse em um mundo que se tornara tão estranho, uma mulher que fosse dele. Fogos-fátuos se acenderam nele. Ele tinha um filho que ainda nunca tinha visto, ele tinha um apartamento, um apartamento de verdade com cômodos, janelas, móveis. No entanto, era irreal; isso o submergia como as ruínas de um mundo desaparecido, em um universo sem luz.

Höfel havia escondido o rosto entre as mãos e não havia se

dado conta disso; ele olhava para o fundo de um precipício que era a escuridão da noite. Todos os meses, ele enviava uma carta para as trevas: “Minha querida Dora. Estou bem, estou em boa saúde, como vai nosso filho?” E todos os meses uma carta chegava das trevas com sua mulher se despedindo: “... Um beijo afetuoso...”.

De que mundo isso vinha? *Meu Deus, de que mundo?*, pensava Höfel. Certamente de um mundo no qual havia também crianças pequenas, mas elas não eram giradas no ar pela perna nem tinham a cabeça esmagada contra as paredes como gatinhos. Höfel encarava o vazio. A violência da lembrança murchava seus pensamentos que afundavam no nada, e ele não sentia nada mais a não ser toda a força da pressão morna de seus próprios dedos contra o seu rosto. De repente, teve uma sensação muito estranha, de que duas mãos saíam das trevas e apertavam seu rosto enquanto uma voz fantasmagórica murmurava:

– André... um menino tão frágil... – Höfel se sobressaltou. *Estou ficando louco?*

Ele deixou os braços caírem. O ar fresco acariciou sua face. Höfel olhou para suas mãos desocupadas, que realizavam docilmente os gestos cotidianos: tirar a calça, o casaco com o cadastro bem visível, conforme o regulamento.

Sim, Bochow tinha razão. O menino tinha de ir embora. Aqui, representava um perigo para todos. *Com certeza o polonês vai descobrir como tirá-lo daqui.* Höfel voltou ao dormitório. O fedor do ambiente o trouxe de volta à realidade. “... Um beijo afetuoso...”. Ele subiu em seu catre e cobriu-se com o áspero cobertor.

O dormitório com duas fileiras de beliches de três níveis estava irrequieto. A notícia da travessia do Reno em Remagen pelos americanos havia colocado ideias na cabeça de todos. Höfel ficou escutando o burburinho. Seu vizinho de cama já estava dormindo e seu ronco leve contrastava com a excitação geral. Se os americanos haviam atravessado o Reno, então logo estariam na Turíngia, e isso não iria durar muito tempo! *Isso!* – O quê, afinal?

– O que não poderia durar muito tempo? Essa palavra escondia alguma coisa. *Isso* eram os anos de detenção, de esperanças e desesperos, comprimidos em uma perigosa carga explosiva. *Isso* era ao mesmo tempo pequeno e pesado, como uma granada de mão que a gente segura, e se *isso* logo terminaria... Ao redor de Höfel, o pessoal murmurava e grunhia. O vizinho fungava tranquilamente – e Höfel se pegou pensando, ele também, que *isso* não duraria muito tempo, e que a criança, lá, no seu cantinho, bem, talvez nós pudéssemos... O ruído, que ele ouvia mecanicamente havia despertado alguma coisa nele tão agradável, tão agradável quanto aquelas mãos longínquas e estranhas... De repente, Höfel abriu os olhos e se virou de lado. *Não! Chega. Chega! A criança tem de ir embora, amanhã, depois de amanhã!*



Naquela noite, o comandante Alois Schwahl ainda se encontrava em seu escritório em companhia de seus dois subchefes de campo, Weisangk e Kluttig. Schwahl, um sexagenário atarracado com excesso de peso, de bochechas caídas e rosto redondo, tinha por hábito, enquanto falava, caminhar em volta de um móvel, razão pela qual havia uma escrivaninha maciça no centro da sala de mobília pomposa. O comandante parecia ser um homem de discursos. Seus propósitos eram sempre acompanhados de gestos empolados, que ele marcava por graves pausas. A travessia do Reno o havia deixado, e a Kluttig ainda mais, em um estado de excitação nervosa. No sofá, atrás da mesa de conferência esculpida, estava sentado o segundo subchefe Weisangk, de pernas abertas, a inevitável garrafa de conhaque francês diante de si, escutando a briga que eclodira entre Schwahl e Kluttig. Weisangk já tinha bebido demais. Com seus olhos baços de buldogue, acompanhava cada gesto de seu mestre.

Em antecipação aos acontecimentos que se seguiriam à

travessia do Reno, Schwahl havia previsto criar um pelotão sanitário composto de prisioneiros, que poderia ajudar os SS em caso de alertas aéreos ou de um ataque ao campo. A formação do pelotão era o motivo dessa briga, que só piorava. Kluttig, um homem magro e sem interesse de trinta e cinco anos, com um nariz excessivamente grande e em forma de tubérculo, estava em pé diante da escrivaninha. Seus olhos míopes, nos quais brilhava uma centelha de maldade, fulguravam como um raio através de seus óculos. Entre ele e o comandante havia divergências irreconciliáveis. Kluttig não escondia que não tinha nenhum respeito por Schwahl. Ele recebia suas ordens com um silêncio orgulhoso, e quando por fim as cumpria, era simplesmente porque Schwahl, como comandante e chefe de campo, estava acima dele em posição de comando. Schwahl só se dirigia a Kluttig sob o pretexto dessa superioridade hierárquica; ele sentia, na presença do outro, um complexo de inferioridade que o fazia sofrer. Não gostava do jeito atirado do subalterno, que, no entanto, invejava.

Schwahl era covarde, indeciso, sem nenhuma segurança de si mesmo; no entanto, ele tinha certeza de sobrepujar Kluttig, outrora dono de uma pequena oficina de confecção, em habilidade diplomática. Em Kluttig, evidentemente, deviam faltar todas as condições prévias para tal habilidade, desenvolvida por Schwahl em trinta anos como funcionário de uma casa de detenção. Ele havia alcançado o cargo de inspetor. Em outra época, durante bebedeiras, ambos haviam se provocado mutuamente a respeito de seu passado, chamando um ao outro de “cão de guarda” e “costureira”, sem prever que isso degradingolaria em perigosa inimizade. Era o que estava acontecendo naquela noite.

No início, a briga girava em torno da criação do pelotão sanitário. Kluttig havia se insurgido contra Schwahl, que só queria recorrer a prisioneiros políticos de longa data. Em sua qualidade de comandante, Schwahl podia permitir-se dar uma lição, em tom condescendente, ao antigo tintureiro.

– Falta-lhe o conhecimento do ser humano e a visão, meu caro.

Devemos tirar partido da disciplina dos comunistas. Nenhum deles vai sumir. Eles são inseparáveis.

Kluttig estava quase explodindo. Suas respostas se tornavam cada vez mais ásperas, e sua voz assumia aquele tom detestável e cortante que Schwahl temia em segredo, pois lhe lembrava demais do tom de seu diretor, na casa de detenção.

– Devo avisá-lo sobre o fato de que recorrer aos comunistas, nesta situação, é perigoso. Escolha outros prisioneiros.

Schwahl irritou-se.

– Bah, bah, bah – resmungou ele, que parou diante de Kluttig, levantou-se e empinou a barriga. – Outros prisioneiros? Criminosos? Malfeitores?

– Há no campo uma organização secreta de comunistas!

– E o que é que eles podem fazer? – Schwahl contornou novamente a escrivaninha.

– Existe um rádio emissor clandestino no campo!

Repentinamente, Kluttig foi até a escrivaninha e se postou na frente de Schwahl.

O comandante exercia maravilhosamente seu papel de chefe condescendente. Ele mexeu em um botão do uniforme de Kluttig:

– Como você bem sabe, mandei procurarem esse rádio emissor. Resultado? Zero! Não perca a sua calma, subchefe!

– Eu admiro a *sua* calma, comandante!

Eles mediam um ao outro com olhares frios. Schwahl tinha a impressão de que seu peito estufava, enquanto ele sentia sua autoridade artificial se esvaindo e, de repente, gritou:

– Não estou perdendo a cabeça como você! Se eu assim o ordenar, em meia hora todos os detentos serão fuzilados! Todo o campo, sim, subchefe, inclusive a sua organização comunista!

A autoridade de Kluttig também chegava ao fim. Todo o sangue refluíu de seu rosto encovado, e ele berrou com Schwahl com tanta veemência que Weisangk, surpreso, pulou entre os adversários e tentou conter Kluttig:

– Mantenha a calma, Kluttig, mantenha a calma...

Kluttig empurrou o segundo subchefe.

– Saia da frente, imbecil! – tornou a gritar com Schwahl: –

Esses sujeitos já podem estar com armas, e o senhor não faz nada? Eles já podem estar em contato com os americanos! Eu me recuso a obedecer-lhe!

Imediatamente, Weisangk tentou se interpor:

– Você não recebe ordens, é Reineboth que recebe...

Não precisou de mais nada para Kluttig, totalmente desvairado, urrar:

– Cale a boca!

– Subchefe! – berrou Schwahl, com as bochechas trêmulas.

– O senhor não pode me dar ordens!

– O comandante sou eu!

– É um...

De repente, Kluttig parou, virou-se e jogou-se no sofá, ao lado de Weisangk.

Tão subitamente quanto Kluttig, Schwahl recobrou a calma. Ele se aproximou da mesa de reuniões, pôs as mãos sobre o encosto das cadeiras e perguntou:

– O que você ia dizer?

Kluttig não esboçou um único movimento. Estava sentado ali, com a cabeça para a frente, os braços inertes sobre suas pernas abertas. Depois daquele acesso violento de raiva, Schwahl não parecia esperar nenhuma resposta. Foi até o bar, em um canto, trouxe alguns copos, sentou-se à sua mesa e os encheu.

– Bebamos para esquecer essa briga!

Ele esvaziou o copo de uma golada. Weisangk empurrou Kluttig e lhe entregou o conhaque:

– Anda, toma logo isso, vai acalmá-lo.

Contrafeito, Kluttig pegou o copo do segundo subchefe e tomou o conteúdo como se fosse um remédio, em seguida olhou para o vazio, assumindo uma expressão sombria. Não pensava mais nos insultos, e a calma pareceu dar lugar a uma indiferença moral. Schwahl pegou um cigarro e recostou-se. Ele dava grandes baforadas. Kluttig continuava olhando para o vazio, nada se lia no rosto inexpressivo de Weisangk. Schwahl olhava para um, e para o outro, e em um rasgo de humor macabro, ele disse de repente:

– Ah! Senhores, os dados estão lançados.

Kluttig deu um soco na mesa e gritou, possesso:

– Não! – Sua mandíbula inferior projetava-se para a frente. – Não!

Schwahl sentiu todo o pânico interior de Kluttig. Ele jogou o cigarro fora e se levantou. Constatou com satisfação ter recuperado o poder. Atrás de sua escrivaninha estava pendurado um grande mapa. Schwahl aproximou-se dele e o avaliou com o olhar de um conhecedor. Então, bateu de leve nas tachas com pontas coloridas.

– Aqui é o *front*, aqui, e aqui, e aqui. – Ele se virou e se apoiou com a mão na escrivaninha. – Ou será que não?

Weisangk e Kluttig calaram-se. Schwahl cerrou os punhos ao lado do corpo.

– E o que vai ser daqui a quatro semanas? Em oito semanas, ou mesmo em três? – Ele mesmo respondeu, batendo com o punho fechado sobre o mapa. Sobre Berlim, sobre Dresden, sobre Weimar. O painel de madeira estalava sob os golpes. Schwahl estava satisfeito. Ele via no rosto descarnado de Kluttig, assim como nos olhos desesperados de buldogue de Weisangk, o efeito produzido por suas palavras. Tal como um general, retornou à mesa de reunião e disse corajosamente:

– Necessitam de mais alguma coisa, meus caros? – Voltou a sentar-se. – A leste, os bolcheviques; a oeste, os americanos; e nós no meio. E então, hein? Pense nisso, subchefe. Ninguém se preocupa conosco, ninguém virá nos tirar daqui. Aqui, no máximo o diabo pode vir nos buscar.

Em um acesso de vã temeridade, Weisangk jogou sua pistola sobre a mesa.

– A mim ele não pega – rosnou. – Com certeza.

Schwahl não prestou atenção ao gesto heroico do ferreiro bávaro, que recolheu sua arma, sem glória, antes de cruzar os braços sobre o peito.

– Agora, só temos de nos virar sozinhos.

Kluttig pulou.

– Lá vem você! – gritou ele, sobressaltando-se mais uma vez. – Você quer nos vender aos americanos! Você é um covarde!

Schwahl se defendeu, irritado:

– Não me venha com grandiloquências. Com ou sem coragem, o que podemos fazer? Devemos nos abrigar, só isso. Para tanto, precisamos de inteligência, subchefe. Inteligência, diplomacia, flexibilidade. – Schwahl mostrou a pistola na palma de sua mão. – Isto aqui não tem flexibilidade suficiente.

Kluttig puxou também sua arma do coldre, vociferando:

– Mas é eficaz, comandante, eficaz! – Os dois já estavam a ponto de brigar novamente.

Weisangk se meteu entre os dois:

– Ok, fiquem calminhos e não se matem.

– Em quem você quer atirar? – perguntou Schwahl, quase divertido.

– Em todos, todos, todos! – espumou Kluttig dando largos passos para trás. Desesperado, ele desabou no sofá e passou sua mão em seus cabelos louros esparsos.

Schwahl pensava, sarcástico: *E lá se foi o espírito heroico.*

Na manhã seguinte, Kluttig transmitiu a Reineboth a ordem do comandante. Ele conversou com o inspetor-chefe de apenas vinte e cinco anos em seu escritório, localizado em uma ala do prédio próximo à entrada do campo. De aparência bem cuidada, Reineboth contrastava muito com Kluttig. O jovem gostava muito de sua aparência elegante. Sua pele levemente rosada e a parte inferior de seu rosto, que parecia ter sido empoada e não apresentava o menor sinal de barba, davam a Reineboth a aparência de um personagem de opereta, quando, na verdade, ele não passava de filho de um simples cervejeiro.

Encostado contra a cadeira, descontraído, com os joelhos apoiados contra a borda da mesa, ele havia aceitado a ordem.

– Um pelotão sanitário? Que excelente ideia! – Cínico, ele sorriu. – Parece que estamos com medo do ogro, ou o quê, afinal?

Kluttig não respondeu nada, e foi até o aparelho radiotransmissor. De pernas afastadas, mãos nas cadeiras, ele ouvia a voz do locutor:

– ... após uma pesada preparação de artilharia, a batalha pela

Baixa Renânia começou ontem à noite. A guarnição da Mogúncia postou-se na margem direita do rio...

Reineboth olhou-o por um instante. Ele sabia o que acontecia com Kluttig e, por trás de uma desenvoltura aparente, dissimulava seus próprios temores diante do perigo galopante.

– Está na hora de você aprender inglês – disse ele, e seu sorriso sempre arrogante congelou-se em uma ruga no canto de seus lábios.

Kluttig não se ateve ao sarcasmo, e grunhiu ferozmente:

– Ou eles, ou nós!

– Nós – respondeu Reineboth, com elegância, jogando sua régua na mesa e levantando-se.

Fitaram-se em silêncio, calando seus pensamentos. Kluttig ficou nervoso. – Se tivermos de partir... – Ele agitou seus punhos e sibilou: – Não vou deixar para trás nenhum desses ratos vivo!

Reineboth já tinha ouvido isso. Ele sabia, por conhecer Kluttig, que aquelas eram palavras vazias. Sorrindo, ele disse, maldosamente:

– Se você não chegar tarde demais, subchefe. Nosso diplomata tende a deixar escapar os ratos...

– Aquele bunda-mole! – Kluttig levantou seus punhos para o alto. – Sabemos se esses porcos já não estão em relação íntima com os americanos? Eles jogam algumas bombas e armam o campo inteiro em uma noite. – E acrescentou, nervoso: – Afinal de contas, são cinquenta mil homens!

Reineboth fez um sinal, cheio de si.

– São uns cretinos. Algumas salvas de tiro a partir dos miradores e...

– E se os americanos enviarem paraquedistas? E então?

Reineboth deu de ombros.

– Então a derrocada acabará aqui, pff... – disse ele com orgulhosa indiferença. – Eu deveria me mandar para a Espanha.

– Você é malandro como uma raposa. – Kluttig cuspiu, cheio de desprezo. – Dá a impressão de que só se trata de salvar a própria pele.

– Com certeza – retorquiu friamente Reineboth. – Mas também

se trata da sua.

Ele zombou na cara de Kluttig:

– Então, sem comandante, nada mais de segundo subchefe.

Irônico, Reineboth fingia estar subindo uma escada com as duas mãos.

– Os dados estão lançados! Adeus! Não se preocupe, sou seu companheiro de pena.

Irritado por Reineboth zombar de seus planos ambiciosos, Kluttig deixou-se cair em uma cadeira e olhou fixamente para a frente. De fato, era o fim! Por enquanto, tratava-se simplesmente de se colocar em segurança com relação aos prisioneiros. Furioso, ele reclamou do comandante ausente:

– Aquele bunda-mole, nojento! Ele sabe muito bem que esses porcos estão organizados aqui no campo. Em vez de recolher uma dúzia e matá-los...

– Ele se pergunta se eliminaria os certos – observou Reineboth.

– Senão a coisa desanda, meu caro. Na primeira salva de tiros, os bons, os chefes, os cabeças.

– Krämer! – Kluttig exclamou vivamente.

– É um deles, mas quem são os demais?

Reineboth acendeu um cigarro e sentou-se no canto da mesa. Maquinalmente, tamborilava com a perna.

Kluttig sibilou, fora de si:

– Eu vou trancafiar esse cachorro e espremê-lo como se fosse um limão.

Reineboth soltou uma risada arrogante.

– Ingenuidade sua, meu caro subchefe de campo, muita ingenuidade. Primeiro: Krämer não vai cantar a bola, você não vai conseguir nem sombra de um pensamento. Segundo: ao trancá-lo, você estará avisando os demais.

Aproximando-se do microfone, disse:

– Observe bem esse sujeito, e você vai ver que não vai conseguir nem um peido. – Ele ligou o microfone: – O decano Krämer deve se apresentar imediatamente ao inspetor-chefe.

Quando a ordem foi dada no campo, Krämer se encontrava com Höfel no armazém de vestuário. Zweiling ainda não tinha

chegado, e o decano havia se retirado a um canto da janela com Höfel.

– Amanhã o comboio parte. Você sabe disso, André.

Höfel assentiu sem dizer uma palavra. Era a segunda vez que o chamado era feito.

– O decano Krämer deve se apresentar agora ao inspetor-chefe.

Krämer olhou para o alto-falante, irritado. Höfel rangeu os dentes.

Kluttig estava sentado na cadeira, desgastado, e Reineboth o sacudiu pelo braço:

– Ânimo, meu velho amigo, ou quer que o sujeito perceba logo de cara como você reage à nossa última vitória?

Obediente, Kluttig se endireitou e colocou o casaco de uniforme sob o cinturão.

Alguns minutos depois, Krämer entrou na sala. Com um rápido perscrutar dos olhos, ele avaliou a situação. Kluttig estava apoiado contra a parede e lançou um olhar de desdém a ele assim que entrou, e o cadete cínico, mais deitado do que sentado na cadeira atrás da escrivaninha.

– Há novidades para você, ouça isto.

Krämer conhecia esse tom desenvolto, pontificante. Reineboth levantou-se de repente, enfiou as mãos nos bolsos de sua calça e caminhou pela sala a passos largos, com suas pesadas botas. Krämer já havia entendido que a ordem do comandante era secundária. Era essa marcada indiferença, assim como o olhar penetrante de Kluttig, que ele sentia chegar de lado, que fazia com que ele entendesse imediatamente que se tratava de um acontecimento extraordinário.

– Dezesseis prisioneiros – disse com voz anasalada o arrogante cadete, batendo os calcanhares. – Dezesseis prisioneiros políticos de longa data devem ser incorporados ao pelotão sanitário. – Continuando a perambular, ele acrescentou, como se não tivesse a menor importância: – Em caso de alerta aéreo, o pelotão ficaria adiante dos postos de guarda avançados...

O sangue de Krämer congelou, mas ele conseguiu se controlar, e seu rosto não traiu nenhum dos pensamentos que o assaltavam: dezesseis bons companheiros no exterior dos postos de guarda... Kluttig afastou-se violentamente da parede, parou diante de Krämer e gritou:

– Eles não terão escolta, entendeu?

Ele controlava seu nervosismo com grande dificuldade, e sussurrou, com a boca crispada:

– Mas não tenha dúvidas, vamos ficar atentos.

Ele próprio não sabia como iriam fazer. Olharam-se sem uma palavra. Com olhar impassível, Krämer enfrentava o ódio frio emanado por Kluttig. De repente, ele se sentiu invadido por uma segurança triunfal. Por trás do ódio daqueles olhos sem cor, de pálpebras vermelhas, ele sentiu medo, somente medo. Kluttig estava cada vez mais furioso; quanto a Krämer, ele não estava tão calmo quanto parecia. Em sua mente, planos eram elaborados. Reineboth parecia temer que, a qualquer momento, Kluttig ficasse fora de controle, o que ele tentou evitar.

– Pela manhã, bem cedinho, você vai me trazer os dezesseis sujeitos.

Krämer, que estava de costas para Reineboth, virou-se e confirmou:

– Afirmativo.

– Vamos equipá-los com farmácias de campanha, máscaras de gás e capacetes.

Isso agitava Krämer nas profundezas de sua alma.

– Afirmativo.

O cadete se aproximou de Krämer a passos lentos e, bem próximo a ele, avisou:

– Se um de seus passarinhos resolver voar... – Com um sorriso matreiro, Reineboth continuou com pernicioso gentileza: – Nós não teremos compaixão...

Antes que Krämer pudesse responder, Kluttig estava diante dele e acrescentou aos berros, para intimidá-lo:

– ... de ninguém no campo!

– Afirmativo.

Como Krämer continuava concordando docilmente, Kluttig não tinha como pressioná-lo, e gritou:

– Quero saber se você entendeu!

– Afirmativo.

Kluttig estava a ponto de explodir, mas a impassibilidade de Krämer sufocava tudo nele; ele só conseguiu emitir um som:

– Caia fora!

Mas, enquanto Krämer se dirigia à porta, Kluttig perdeu a calma e vociferou:

– Fique aí! – Enquanto Krämer, surpreso, dava meia-volta, ele se precipitou sobre ele, chegou bem perto, e perguntou, manhosamente:

– Você era funcionário?

Krämer pensou rapidamente: *O que que ele quer comigo?*, e respondeu:

– Afirmativo.

– Comunista?

– Afirmativo.

A sinceridade de Krämer desconcertava Kluttig.

– E você me diz isso assim? – Um imperceptível sorriso se desenhava na boca de Krämer. – É o que me vale de estar aqui...

– Não! – prosseguiu enfaticamente Kluttig, que havia se recomposto. – Você está aqui para não formar associações de conjurados nem organizações secretas, como está fazendo atualmente no campo!

Kluttig perscrutava os olhos de Krämer. Atrás de Kluttig estava o cadete, dedos na abotoadura de seu casaco de uniforme, que se balançava sobre os pés.

Organização secreta? Krämer mantinha os olhos cravados no outro. Será que eles sabiam de algo? Ele percebeu logo que Kluttig estava sondando o terreno. *Então é isso*, pensou Krämer. *Vocês acham que sou o organizador. Se deram mal.* Ele tinha o sentimento de estar protegendo Bochow com seus ombros largos e, calmamente, respondeu:

– A organização, subchefe, foram vocês que lhe deram vida.

Totalmente estupefato, Kluttig só conseguiu exclamar um “O

queeeeê?” arrastado, e Reineboth deu um passo à frente.

– Ah, não.

Krämer estava consciente do sucesso da sua investida, e reforçou:

– Aliás, ela não tem nada de secreta. Faz anos que o campo é administrado pelos próprios prisioneiros, e nós obedecemos rigorosamente a todas as ordens.

Kluttig olhou para Reineboth para pedir ajuda. Ele sorria maldosamente e parecia zombar dele, o que o irritou ainda mais – então, berrou para Krämer:

– É isso mesmo! E logicamente, você colocou todos os seus nos cargos de responsabilidade!

– A ordem do comandante determina que devemos confiar a administração do campo aos prisioneiros capacitados e conscienciosos.

– Comunistas, não é verdade?

– Cada prisioneiro foi declarado junto ao comandante do campo, apresentado a ele e confirmado em suas funções – respondeu Krämer, sem se alterar.

– Canalhas, vagabundos, assassinos, eis o que todos eles são! – vociferou Kluttig, sem se aproximar de Krämer, andando novamente a largos passos pela sala, com suas pesadas botas.

Krämer permanecia sem se mexer sob os ataques coléricos de Kluttig, que se aproximou dele agitando os braços.

– Nós estamos sabendo! Não pense que somos estúpidos!

Reineboth se postou entre Krämer e Kluttig, que espumava de raiva:

– Saia – fungou ele.

Cuspindo, Kluttig precipitou-se até a porta que se fechara atrás do decano.

– O cachorro, o bastardo...!

Reineboth, apoiado contra a mesa, com um sorriso sarcástico nos lábios, repetiu:

– Eu disse, você não vai conseguir nem um peido dele!

Kluttig ia e vinha pela sala a passos pesados.

– Não gostaria de saber quais os tipos que ele vai escolher

para esse... esse pelotão sanitário. – Deu um grande soco no ar. – Eu deveria ter esmurrado a cara dele! Acabado com esse cachorro!

Reineboth afastou-se da mesa.

– Tenho de dizer que você ferrou tudo, senhor subchefe de campo. Por que você grita assim? Faz tempo que ele suspeitou de algo.

– É o que deve estar fazendo, esse cão! Ele deve saber que estamos na cola dele! – disse Kluttig, cada vez mais furioso.

– Errado.

De súbito, Kluttig parou e olhou para o cadete, voltando sua ira contra ele.

– Talvez você queira me dizer o que eu devo fazer com esse canalha? Seu tom sarcástico não teve qualquer efeito sobre Reineboth, que acendeu um novo cigarro, soprando a fumaça para cima, com ar sonhador.

– Com certeza, os bolcheviques têm sua própria organização secreta. Com igual certeza, Krämer é uma de suas mais importantes figuras. – Ele caminhou lentamente até Kluttig. – Escute, subchefe, cá entre nós A ordem do senhor diplomata não é do seu gosto, assim como não é do meu, não é mesmo? Se ele deixar os ratos se mandarem, nós teremos de fechar a armadilha. Precisamos pegar o cabeça! Com um único golpe, ele deve cair!

Ele acenou com a cabeça em direção ao campo.

– Não há somente bolcheviques, isso é certo. Devemos infiltrá-los com uma ovelha negra. Um sujeito com ar inofensivo, de rosto bacana. Mas ele deve ter um bom faro, para cheirar, sacou?

Ele deu um sorriso cúmplice e malicioso para Kluttig. As suas ideias pareciam se colocar em movimento.

– De onde você vai tirar tão rápido um tipo que...

– Deixe-me cuidar disso, vou arranjar-lo – respondeu prontamente Reineboth, com ar determinado.

Kluttig percebeu que Reineboth estava sendo mais esperto, e desatou a rir:

– Você é tão escorregadio quanto uma enguia.

Sorrindo, Reineboth considerou isso um reconhecimento ao

seu talento.



Naquele estábulo do campinho, para onde Jankowski tinha sido levado, reinava a maior balbúrdia. Aglutinados, os prisioneiros se amontoavam em volta do responsável pelo dormitório, que servia a sopa vinda de um imponente caldeirão. Eles gritavam, berravam, conversavam em todas as línguas, e gesticulavam. Aqueles que estavam próximo ao caldeirão eram empurrados pela multidão esfomeada dos recém-chegados. Todos eles se acotovelavam, e o decano do bloco gritava no meio deles. Ele dava duro para que a ordem reinasse nesse amontoado de concupiscentes.

– Mas afastem-se afinal, imbecis, cretinos! Formem filas!

Ninguém o entendia, ninguém prestava atenção a ele. Os que eram empurrados voltavam ainda mais violentamente até o caldeirão. Outros pretendentes ficavam em torno daquele que tinha uma gamela, sorvendo com grandes colheradas a sopa recebida e, na ausência de colher, bebiam em grandes goladas. Ela escorria pela boca e sujava o casaco. Dedos agarravam-se às colheres antes mesmo que seu proprietário tivesse terminado a refeição, puxando-as. O utensílio caía no chão, tilintando. Todos se precipitavam sobre ele, e o felizardo que o recuperava o segurava firmemente contra si e traçava um caminho através da multidão, em direção ao caldeirão, arrastando em seu rastro uma penca de silhuetas que aguardava o próximo gole para se apoderar da colher.

O único que se mantinha apartado da confusão era o responsável pelo dormitório. Indiferente, ele tirava a sopa de dentro do caldeirão sem olhar o que se passava à sua volta. Quando a coisa ficava tumultuada demais, ele abria espaço dando grandes cotoveladas e golpes com o traseiro.

Pippig entrou. O coitado do decano do bloco, um homem atarracado de cabeça redonda, ergueu os braços em sinal de resignação desesperada, feliz em ver Pippig, um ser razoável. Ele

guinchou:

– Todos os dias é a mesma coisa, todos os dias! Se ao menos tivéssemos bastante gamelas! É impossível conseguir que eles sejam razoáveis.

Pippig retorquiu, sem compaixão para com aqueles miseráveis:

– Ponha todo mundo para fora, e só deixe chegar perto do caldeirão quem estiver com uma gamela.

– Mas assim vão ficar uivando em frente ao bloco.

Pippig não sabia mais o que dizer, e esticou o pescoço a fim de olhar para a multidão.

– Você tem algum Jankowski entre os recém-chegados?

– É bem possível.

O decano tentou fazer-se ouvir no tumulto geral.

– Jankowski! – Nada além de um gemido.

Pippig saiu à procura do polonês. Ele estava em um canto, com o queixo apoiado entre as mãos juntas, e contemplava a cena. Quando viu Pippig, seu rosto iluminou-se; ele correu até o alemão.

– Você! Você! Cadê criança?

Pippig colocou um dedo nos lábios a título de advertência e fez um sinal para Jankowski acompanhá-lo.



Krämer estava ocupado com Pröll, que preparava a lista para o comboio.

Mil detentos do campinho deveriam ser deportados para outro lugar. Buchenwald precisava de ar. Pröll tinha anotado em cada bloco do campinho o efetivo total do comboio, e os decanos de bloco respirariam aliviados. Uma vez mais, isso lhes permitiria ganhar um pouco de espaço nos estábulos lotados.

A redação da lista dentro de cada bloco era incumbência do decano do bloco, que escolhia entre os prisioneiros com seu responsável de dormitório e seu secretário. A cada comboio eram selecionados os mais fracos. A lei.

Um silêncio constrangedor separava os dois decanos do

campo. Pröll estava sentado à mesa ao lado de Krämer, que examinava a lista do comboio. Ele ergueu os olhos para Pröll e franziu o cenho. Ninguém falava, mas, por trás dessas duas frentes, havia os mesmos pensamentos. Um sorriso embaraçado nasceu nos lábios de Pröll, começando timidamente, para logo se expandir como uma ruga.

– Mais um milhar de homens que devem ser enviados ao desconhecido...

Krämer mordeu o lábio superior, apoiou os cotovelos afastados na mesa, e olhou para suas mãos juntas.

– Às vezes eu penso – disse em voz baixa. – Às vezes eu penso que nos tornamos um belo bando de monstros...

Embora tivesse entendido, Pröll perguntou:

– Nós? O que você quer dizer?

– Nós! – respondeu bruscamente Krämer; em seguida, levantou-se e foi até a janela, enfiou as mãos nos bolsos da calça e olhou para a vasta praça de chamada. Lá no alto estava o comprido prédio da entrada do campo, encimado por uma torre. Doze projetores erguiam-se do telhado. Sua luz impiedosa rasgava a escuridão da praça, durante as chamadas da noite e da manhã, e talhava com suas lâminas afiadas os rostos extenuados. Em volta da torre, o passadiço nos quais as sentinelas se posicionavam, nessa fria manhã de março. Uma pesada metralhadora apontava seu focinho para o campo, por cima do parapeito do passadiço.

Prisioneiros, sozinhos ou em grupos, iam e vinham na praça de chamada, saíam pela grade ou então entravam no campo. Em postura rigorosamente militar, de boné na mão, eles se registravam no guichê. O chefe de bloco, encarregado das entradas e saídas, os controlava. Ele estava irado, gritava, batia nas costas dos prisioneiros, acertava-lhes golpes na nuca.

Krämer olhava para aquilo tudo a distância. Ele pensava naquela missão que o deixava tão infeliz. O que era aquele garoto? Um perigo? Essa criança, um perigo? Impossível! Devia existir uma ligação entre o menino e Höfel. Se ele soubesse qual era, talvez pudesse... Essa maldita mania de segredinhos de

Bochow... que o deixava sem saber nada, no escuro.

“Não faça perguntas, faça o que eu digo. O partido assim o exige.”

Krämer tinha apoiado seus braços no peitoril da janela, e ele batia na madeira.

– O que há com você? – perguntou Pröll atrás dele. Ele teve um sobressalto e se virou. – Nada – disse, bruscamente. Pröll queria confortá-lo.

– Vai ser o último comboio. Talvez seja interceptado pelos americanos... – Krämer concordou, sem proferir uma palavra, e devolveu a lista a Pröll.

– Eu também queria dizer o seguinte: cuide para que os recém-chegados de ontem, os poloneses, entende, façam parte do comboio...



Na secretaria do armazém de vestuário, os prisioneiros do *Kommando* juntavam-se em volta de Jankowski. Pippig havia colocado um naco de pão no bolso dele. Jankowski tirava pedacinhos e os levava à boca disfarçadamente; ele tinha vergonha de estar com fome.

– Vai mastigando, meu velho – reconfortou-o Pippig. – Hoje nós temos bolinhos com molho de raiz forte. – Ele colocou então uma xícara de café na frente de Jankowski. Kropinski teve de traduzir. Os dois poloneses conversavam e Kropinski era o intérprete.

– Ele dizer não ser pai da criança. Pai morto, mãe em Auschwitz e câmara de gás. Ele dizer, menino três meses idade quando ser deportado para Auschwitz com pai e mãe do gueto de Varsóvia. Ele dizer SS ter matado todas as crianças, e esse pequeno menino sempre escondido.

Jankowski interrompeu a tradução e interpelou enfaticamente Kropinski, que continuou traduzindo:

– Ele dizer pequena criança não saber quem são os homens. Ele só saber o que ser SS e o que ser prisioneiros. Ele dizer, mas pequeno menino saber muito bem quando vêm SS, e ele se

esconder e sempre ser muito quieto.

Kropinski se calou. Os demais calaram-se também, e baixaram a cabeça. Amedrontado, Jankowski olhou em volta. Höfel, sem dizer uma palavra, colocou sua mão sobre a do polonês, que sorriu levemente, porque o tinham entendido.

– Marian – pediu Höfel a Kropinski –, pergunte a ele como se chama a criança.

Ele fez a pergunta, e traduziu a resposta:

– Pequena criança chamar Stephan Cyliak, e pai de pequena criança ter sido advogado em Varsóvia.

Höfel olhava com profunda compaixão para aquele homenzinho fraco que parecia ter mais de cinquenta anos. Cheio de confiança, Jankowski olhou para o círculo de prisioneiros ao redor dele, tão simpáticos, e em seu sorriso discreto nascia a certeza de que a criança, após tantos perigos, finalmente estava em segurança. Höfel sentiu um aperto no coração. O polonês ignorava por que ele o havia mandado buscar; sem dúvida, regozijava-se em ter encontrado bons camaradas. Höfel pensava que esses “bons camaradas” poderiam seguramente lhe dizer sem o menor escrúpulo que pegasse o tal menino, pois não precisavam dele ali. E o homenzinho manso retomaria seu fardo sem pestanejar, e o arrastaria, movido pela angústia de proteger aquela pequena faísca de vida, de forma que não fosse esmagada pela bota de um SS. Jankowski gostava de perceber que era considerado de uma forma especial pelos prisioneiros alemães, e sorriu para Höfel que, no entanto, estava cada vez mais absorto em seus próprios pensamentos. Aquele era um homem desarmado, que arrastava um sopro de vida consigo, o qual ele mesmo tinha livrado das garras da morte de Auschwitz com astúcia, para levá-lo de encontro a novos e desconhecidos perigos. Que absurdo! Em algum lugar, a morte tiraria a mala de suas mãos com escárnio: veja, veja, que lindo o que você me trouxe... Höfel se revoltava profundamente com isso. Se esse absurdo precisava ter um fim, então isso deveria acontecer *aqui e agora. Somente aqui, e em nenhum outro lugar na Terra, encontrava-se a oportunidade de salvar essa criança.* Höfel olhou ao redor. O silêncio reinava.

Nenhum dos prisioneiros sabia o que dizer. O olhar de Höfel fixou-se em Pippig. Eles se olharam sem trocar uma palavra. O peso enorme daquela decisão entre duas obrigações morais pesava no coração de Höfel, e ele sentiu cruelmente o quanto estava sozinho naquele momento. O olhar taciturno de Pippig o tirou de seus devaneios; Höfel fez um sinal de aquiescência com a cabeça. Limitou-se a respirar profundamente, com ar pesado, e levantar-se.

– Fiquem aqui – disse aos prisioneiros. – E tomem cuidado, caso Zweiling venha sem avisar.

Acompanhado de Jankowski, Kropinski e Pippig, ele foi para trás, até o desvão. Quando o garoto viu Jankowski, adiantou-se até ele e deixou-se erguer como um cãozinho confiante.

Jankowski abraçou silenciosamente a criança e chorou, sem ruído nem lágrimas. Havia um silêncio opressor entre os homens, que Pippig não conseguia mais suportar.

– Não façam essas caras de enterro – disse bruscamente, embora ele próprio estivesse fazendo força para não soluçar. Jankowski fez uma pergunta a Höfel, sem lembrar que o alemão não o entendia. Kropinski apressou-se:

– Ele perguntar se pequena criança poder ficar aqui.

Höfel deveria ter respondido ao polonês que ele iria embora no dia seguinte com o comboio, e a criança... mas nenhum som saiu de sua boca, e ele se sentiu aliviado quando Pippig respondeu em seu lugar: ele deu um tapinha tranquilizador nas costas de Jankowski, afirmando que a criança ficaria ali, é claro, e olhou para Höfel para ter a confirmação. Mas ele se calava, sem forças para contradizer Pippig. De repente, um medo apoderou-se dele. Calando-se, ele já havia dado o primeiro passo para contrariar as instruções de Bochow. De fato, ele tranquilizava a si próprio e se convencera de que no dia seguinte ainda haveria tempo de entregar a criança ao polonês, ao mesmo tempo em que sentia fraquejar o firme compromisso que tinha assumido.

Somente quando Pippig, que interpretara a seu modo o silêncio de Höfel, disse rindo a Jankowski: “Não se preocupe, meu velho, nós sabemos uma coisa ou outra sobre cuidar de crianças”, é que

Höfel o repreendeu:

– Não diga besteiras.

Mas o protesto foi por demais fraco para conseguir convencer Pippig, que dava risada.

Jankowski sentou a criança no chão e apertou as mãos de Höfel com gratidão, dominado pela alegria. E Höfel não teve escolha, senão aceitar.



Krämer tinha mandado um prisioneiro da secretaria procurar Bochow, depois de Pröll ter ido para o campinho.

– Você se acertou com Höfel? – foi a primeira pergunta de Bochow.

– Isso eu faço depois – retorquiu Krämer bruscamente. – É melhor você ouvir o que está acontecendo.

Em poucas palavras, ele explicou a Bochow o que acontecera entre Kluttig e Reineboth, e informou a ele a ordem do comandante.

– Eles suspeitam de alguma coisa, isso é certo, mas não sabem nada com exatidão. Enquanto suspeitarem de mim como responsável, vocês estão em segurança. – Krämer encerrou seu relato. Bochow ouvira com atenção.

– Então eles estão à nossa procura – pensou em voz alta. – Muito bem. Enquanto não dermos um passo em falso, eles não vão nos achar. Mas não me agrada que você faça o papel de bode expiatório.

– Não esquente a cabeça. Minhas costas são largas o bastante para esconder todos vocês. – Bochow olhou para Krämer; ele tinha entendido a ironia disfarçada nessas palavras. Um pouco irritado, disse:

– Sim, sim, Walter, eu sei. Tenho confiança em você, quer dizer, *nós* temos confiança em você. Está bom assim?

Krämer afastou-se bruscamente de Bochow e sentou-se à mesa:

– Não!

Bochow ficou escutando:

– O que isso quer dizer?

Krämer não conseguiu mais se conter.

– Por que eu devo entregar um garotinho para o comboio? É aqui que ele está em maior segurança! Você não entende? O que ele tem, esse menino?

Bochow deu um soco na palma da mão:

– Não me complique as coisas, Walter! Não tem nada com essa criança!

– Pior ainda! – Krämer se levantou e perambulou. Visivelmente, ele engolia sua ira. Ele parou e olhou sombriamente.

– Pouco importa a disciplina, pra mim isso passa dos limites – disse. – Não tem outro jeito?

Bochow não respondeu, ergueu as mãos sem encontrar outra escapatória. Krämer aproximou-se dele.

– É por causa de Höfel, não é?

Bochow desviou-se da pergunta.

– Você está fazendo mal a si mesmo com essas perguntas.

– Essa é a confiança que vocês têm em mim? – ironizou Krämer. – Eu estou me lixando para ela!

– Walter!

– Ah! O que é? Besteiras! Bobagens! Esses malditos segredinhos! Essa sua mania de clandestinidade!

– Walter! Pelo amor de Deus! Para a sua própria segurança, você só deve saber dos nossos assuntos o estritamente necessário, você não entende? Trata-se da sua própria segurança!

– Trata-se da segurança de uma criança!

Krämer pôs-se a suplicar:

– É isso mesmo que vai acontecer com o garoto? Eu o escondo! Ok? Hein? Não se preocupe, comigo ele estará em segurança.

Por um breve instante, Bochow pareceu a ponto de ceder, mas, em seguida, defendeu-se ainda mais vigorosamente:

– Isso está fora de questão! Totalmente fora de questão! A criança precisa sair do campo, imediatamente! O que estou

exigindo de você pode ser duro, eu admito isso. Mas as circunstâncias é que são duras. É claro que se trata de Höfel, por que esconder o que você já sabe? Vou até dizer mais. Saiba que eu não dedico nenhum culto à clandestinidade. Höfel se encontra em um ponto sensível. Ouça bem, Walter! Muito sensível. E se um elo vier a se partir, é a corrente toda que se quebra.

Bochow calou-se por um instante. Suas palavras haviam emudecido Krämer, que olhava para a frente, com o olhar sombrio. Para demonstrar a Krämer a que ponto o que ele exigia era irrealizável, retomou seu pensamento.

– Você pega o menino de Höfel e o esconde em algum lugar. Bom. Mas você também vai conseguir esconder o fato de que essa criança vem de Höfel? Se acontecer uma desgraça, se o menino for descoberto...

Krämer levantou as mãos. Bochow não o deixou interrompê-lo.

– Basta um deslize, uma infelicidade, Walter, nós sabemos o que é isso, caramba. Uma escorregadela é suficiente, para que a coisa mais segura... não vê que a criança é um mero detalhe. Não se pode enterrar o menino como um gato morto. Qualquer um pode descobri-lo, ir até o *bunker*... e trair você. Nessa hora Krämer não se conteve mais e riu abertamente.

– Eles vão ter de me matar antes de...

– Eu acredito em você, Walter – respondeu Bochow calorosamente. Acredito, sem dúvida. Mas o que vai acontecer quando estiver morto?

– O que é que tem? – Krämer encheu a boca para falar.

– A criança vai continuar estando aí.

E Krämer em tom triunfante:

– Sim, e daí?

Bochow forçou um sorriso:

– Por aqui, sete mil oficiais soviéticos receberam uma bala na nuca, e nenhum deles suspeitava que o SS de jaleco médico que tirava suas medidas também seria seu assassino...

– O que isso tem a ver com o garoto? – rugiu Krämer, zangado.

Bochow continuou insistindo:

– De você eles não saberão mais nada. Você estará morto.

Mas você conhece bem os métodos deles. Quem garante que eles não vão enviar o menino para Weimar. Lá, vão colocá-lo no colo de alguma mulher nazista fingindo ser boazinha: “Você vem do campo de Buchenwald, coitadinho. Como se chama o bom senhor que escondeu você dos SS?”.

Krämer escutava.

– E a mulher não vai parar de perguntar para o menino, em alemão, em russo, em polonês, dependendo do que ela ouvir, até que... Em seguida, Walter, todo mundo desaparece, todos aqueles que Höfel protege com seus ombros largos...

Bochow havia dito o suficiente. Ele colocou as mãos nos bolsos e os dois homens ficaram em silêncio, até que finalmente Krämer, após uma difícil reflexão, disse:

– Eu... eu vou ver Höfel...

Ele conseguiu tomar uma decisão. Bochow lançou um sorriso benevolente ao seu amigo.

– O que não quer dizer que o menino, no comboio... quero dizer, o polonês o trouxe até aqui, talvez consiga levá-lo para longe. Nós tememos tanto o destino aqui, quanto o esperamos ali. Não podemos fazer mais do que isso.

Krämer concordou em silêncio. Para Bochow, isso significava o fim da discussão.

– O pelotão sanitário – disse ele, passando para o outro problema. – Precisamos decidir rápido. – Seu primeiro pensamento era o de fazer daquela tropa um batalhão de informações. A oportunidade era boa demais. Mas então, teve dúvidas. Kluttig observou. Bochow coçou sua cabeça hirsuta.

– Se ao menos soubéssemos o que eles querem...

– Vai ser tranquilo – disse Krämer. – A ordem vem do comandante.

Bochow agitou as mãos com desconfiança.

– Entre o que Schwahl ordena e o que Kluttig faz, tem sempre um oceano de distância.

– É por isso – apressou-se em dizer Krämer –, que você deve deixar para mim a responsabilidade do pelotão sanitário. Entregue-a totalmente a mim.

Circunspecto, Bochow olhou para Krämer.

– O que você quer com isso?

Krämer sorriu com ar astuto.

– A mesma coisa que você.

– Que eu? – perguntou Bochow.

– Chega! Não comece de novo a bancar o misterioso – reclamou Krämer. – Estou cheio disso. Você tem algo em mente com relação ao pelotão sanitário, não é? – Krämer batia com os dedos nas têmporas. – Talvez aconteça a mesma coisa aqui dentro. – Bochow sentiu-se descoberto e esfregou as bochechas com as duas mãos.

Krämer martelou:

– Está vendo?! É o que ambos pensamos. Os sujeitos que eu vou procurar ainda hoje também pensam assim. Você acha que estão esperando eu piscar um olho para eles? Eles mantêm os olhos abertos quando passeiam nos arredores. Com ou sem instruções clandestinas... – Para apaziguar Bochow, acrescentou rapidamente: – Das quais eles nem terão ideia, pode contar com isso. O que eles pescarem lá fora, eu vou saber de qualquer forma. Você realmente quer instalar um aparelho de comunicação complicado, se comigo isso pode funcionar em linha direta?

Bochow não aprovou de imediato, e Krämer deu-lhe tempo para pensar. A proposta era razoável. Mas sem o aval do CIC, Bochow não podia transformar o papel do decano do campo, até agora passivo, em papel ativo. Krämer percebeu que Bochow refletia.

– Pense nisso – disse –, mas vamos rápido.

Bochow estava se perguntando como organizar imediatamente uma reunião do CIC. Bogorski era fácil de ser contatado, assim como Peter van Dalen, o holandês. Mas como chegar perto de Pribula e de Kodiczek? Eles estavam no campo e trabalhavam em um dos barracões de ótica, erigidos na praça de chamada, onde eram construídos peças de pontaria. O acesso aos barracões era estritamente proibido. Riomand, o francês, também não poderia ser informado. Ele pertencia ao *Kommando* designado para as cozinhas da cantina dos oficiais, do lado

exterior do campo. Para chegar a eles, só havia um meio: o controle dos alto-falantes.

Bochow não estava inclinado a recorrer a essa forma de passar as informações reservadas aos casos urgentes. Nesse caso, no entanto, a importância e a urgência da situação assim o exigiam. Bochow olhou para Krämer, com ar curioso:

– Você pode fazer um controle dos alto-falantes?

– Posso – confirmou Krämer, que soube imediatamente do que se tratava. Ele já havia realizado uma missão de tal natureza.

– Então, anote os números: três, quatro, cinco e, por último, oito. Krämer assentiu novamente.

– O CIC – disse, em tom malicioso.



Na oficina dos eletricitas, havia um prisioneiro curvado sobre uma morsa, ocupado em limar, pensativo, uma peça de metal.

Krämer entrou.

– Schüpp está aí? – perguntou.

O prisioneiro apontou com sua lima, por cima do ombro, para um alpendre de madeira no fundo da oficina, e disse, ao perceber a fisionomia contrariada de Krämer:

– Só tem ele lá dentro.

Schüpp estava sentado à mesa, consertando um relógio. Ele ergueu os olhos para Krämer, que entrava.

– Precisamos de um controle dos alto-falantes, Heinrich – disse Krämer.

Schüpp entendeu.

– Vamos fazer isso agora mesmo.

Krämer se aproximou.

– Aqui estão os números: três, quatro, cinco e, por último, oito.

Schüpp se levantou, sem perguntar o que significavam esses algarismos. Para ele, não passavam de uma comunicação importante de uma pessoa para outra. Ele juntou suas coisas na mesa e pegou a caixa de ferramentas.

– Vou para lá imediatamente, Walter.

– Isso precisa funcionar, entendeu?

Schüpp olhou para o outro com ar surpreso.

– Comigo, sempre funciona.

Em seguida, Krämer foi ver Höfel. Zweiling estava lá. Ele saiu imediatamente de seu escritório ao ver o decano do campo em pé no balcão, em companhia de Höfel.

– O que está acontecendo?

– Höfel deve terminar a lista dos efetivos – respondeu Krämer de chofre. – Amanhã sai um comboio.

– Para onde? – Curioso, Zweiling passou sua língua sobre o lábio superior.

– Não sei.

Zweiling rosnou:

– Não me enrole. Você sabe mais que todos nós.

– Como assim? – perguntou Krämer, simulando ingenuidade.

– Não quero saber nada dos seus rolos. – Ele voltou para seu escritório.

Krämer olhou para ele e resmungou:

– Ele está com a pulga atrás da orelha...

E murmurou entredentes:

– Estive com Bochow. Preciso falar com você. Vamos até a porta.

Pippig, com uma trouxa de roupas nos braços, saiu da secretaria e foi até o balcão; ele tinha ouvido as últimas palavras de Krämer e olhou desconfiado para os dois, enquanto saíam da sala. Eles ficaram ali fora, no patamar da escada de pedra que, à direita e à esquerda da parede do prédio, levava ao armazém de vestuário no primeiro andar. Krämer se apoiou no balaústre de ferro do patamar.

– Resumindo, André, estou sabendo de tudo. Amanhã parte o comboio. Esse Jankowski vai embora com sua criança, entendido?

Höfel, tal qual um condenado, baixou a cabeça.

– Não dá para fazer de outra forma com o menino? – perguntou baixinho.

Eram as mesmas palavras, a mesma pergunta feita por Krämer

a Bochow. Não devia haver, em nenhum lugar da Terra, outras palavras para esse caso desesperador. E Kramër respondeu, então, com as mesmas palavras que usara para responder a Bochow:

– Impossível! Totalmente impossível!

Só depois de um certo tempo é que Höfel perguntou:

– Para onde vai o comboio?

Atormentado, Krämer deu um soco com os punhos contra o balaústre, e não respondeu. Höfel olhou para ele.

– Walter...

Krämer perdeu a paciência.

– Não podemos ficar aqui por mais tempo. Você sabe melhor do que eu que seu papel aqui é o nó do problema. Não venha com brincadeiras! Já tenho bastante trabalho amanhã com o comboio, sem tempo para saber se tudo está bem com o menino. Então...

Ele largou Höfel e desceu as escadas. Höfel virou as costas, como se tivesse sido repudiado, e entrou na sala.

– O que ele queria com você? – inquiriu Pippig. Höfel nada respondeu. Seu semblante estava sombrio. Ele passou diante de Pippig e foi até o escritório.

Um vento frio e úmido soprava entre os barracões; Krämer afundou ainda mais suas mãos nos bolsos de seu casaco. Ele atravessou um atalho de onde se via, à esquerda, o crematório, um prédio assustador sobre o qual se erguia uma chaminé muda. Uma cerca de tábuas escuras, pintadas com alcatrão, cercava o conjunto e o ocultava aos olhares dos curiosos. O que se passava por trás daquelas tábuas... Nenhum detento jamais vira, pois o acesso era estritamente proibido. No entanto, Krämer sabia.

Por causa de suas funções de decano do campo, ele já estivera algumas vezes atrás daquelas tábuas, quando novos comboios traziam suas centenas de mortos. No pátio, eles formavam montanhas. Poloneses responsáveis por carregar os cadáveres os retiravam da pilha, um por um, e os despiam. As roupas representavam uma matéria-prima preciosa, que não devia ser queimada. Despir os corpos não era coisa fácil. As vestimentas

não deslizavam facilmente nos membros crispados por aquele combate contra a morte, de rigidez cadavérica como aço. Mas os carregadores de corpos estavam acostumados. Eram dois homens para cada corpo. Primeiro, eles desabotoavam casacos e jaquetas e, em seguida, sentavam o morto. Enquanto um deles o mantinha nessa posição, o outro retirava o casaco e a jaqueta pela cabeça, um espetáculo horrível e grotesco. Com a cabeça pendente e os braços esticados, o morto parecia um bêbado sendo despido para ir para a cama. Os dedos rígidos se agarravam às mangas como ganchos. Um forte puxão arrancava a roupa daquelas mãos recalcitrantes. Em muitos cadáveres já despídos, encontrava-se roupa íntima feminina de refinada elegância, do tom salmão mais suave ao verde-marinho. Os decotes descobriam peitos descarnados com clavículas salientes. Nus e impotentes, os cadáveres jaziam no chão barrento, com seus braços crispados cheios de súplica, suas cabeças raspadas pendentes de lado. A boca escancarada, buraco escuro e arreganhado, em alguns, parecia rir de gargalhada com o espetáculo daquela fantasia de despir; os infelizes não se aqueciam com aquela risada, haviam morrido de frio assim mesmo.

Com um alicate, os carregadores de corpos cortavam os cadarços dos sapatos, geralmente pedaços de barbante ou arame, e retiravam os calçados dos cadáveres. De certos corpos, eles deviam igualmente retirar finas meias de senhoras. Por entre os corpos nus misturados, outro carregador deslocava-se com uma pinça de extração. Ele procurava dentes de ouro nas bocas escancaradas. Arrancava próteses com a pinça. Se não tivessem valor, ele as recolocava no buraco escuro, com a ajuda de fortes golpes de pinça. Somente então, dois outros carregadores podiam pegar os corpos despojados, pelos braços ou pelas pernas, dependendo de como estivessem deitados, e arrastá-los para cima do monte. Em movimento treinado para dar impulso, eles jogavam o morto, que aterrissava ruidosamente sobre o monte de carne nua.

Krämer estava parado em pé.

Novamente, em todo o campo, havia aquele cheiro de carne queimada. Seu odor penetrante invadia as mucosas. A chaminé alta cuspiu chamas vermelhas para o céu. Uma fumaça marrom-escura pairava em fragmentos sobre o campo.

Krämer pensava naquela noite de agosto de 1944. Alguns dias antes do bombardeio do campo pelos americanos¹. Da janela do barracão onde dormia, ele tinha visto a chama vermelha acima da chaminé, e pensou: *quem eles estão queimando no meio da noite?* No dia seguinte, um rumor percorreu o campo. Thälmann² havia sido fuzilado e queimado no crematório. Boato ou verdade? Ninguém sabia dizer com precisão. Ninguém, com exceção de uma única pessoa!

Em 18 de agosto de 1944, a equipe do crematório havia recebido a ordem do inspetor-chefe de manter um forno aceso durante a noite. Naquela noite, o *Kommando* havia sido trancado nos dormitórios do crematório. Os SS não queriam testemunhas. Um carregador de corpos polonês havia escapado e se escondido atrás da alta montanha de carvão no pátio do crematório. Ele viu a porta de tábuas da paliçada se abrir. Uma matilha de suboficiais entrou no pátio. Eles transportavam um civil. Alto, de ombros largos, ele não usava casaco e vestia um fino terno. Ele tinha a cabeça descoberta e era calvo.

O desconhecido foi levado à antecâmara do crematório, onde pipocaram disparos de arma de fogo. A matilha desapareceu com o fuzilado na sala de cremação. Horas mais tarde – demorava muito tempo para um corpo queimar –, a matilha saiu do crematório. Ao sair, um dos suboficiais disse ao que o acompanhava:

– Você sabe quem nós pusemos no forno? Era Thälmann, o político comunista.

Alguns dias mais tarde, Schüpp, agitado, correu até Krämer. Ele havia lido no registro do inspetor-chefe uma entrada que comunicava o fuzilamento de Ernst Thälmann.

Krämer olhou de novo para a chaminé. A alta chama vermelha, que naquela noite jorrava para o céu negro e que o havia enfeitiçado, pois não conseguia dormir, queimava novamente em

seu coração. Ele sabia por que a bandeira de seu partido era vermelha.

Quando estava para subir a escada de madeira que levava à secretaria, ele ouviu a voz de Schüpp ressoar nos alto-falantes em todo o campo.

– Atenção! Controle de rádio...

Krämer parou por um instante e sorriu discretamente.

Assim que Krämer falara com ele, Schüpp tinha ido até a torre, ao escritório do inspetor-chefe, com a caixa de ferramentas pendurada no ombro por uma tira.

Seu salvo-conduto permitia-lhe entrar. Em qualquer lugar havia coisas a serem consertadas, e Schüpp entendera perfeitamente como se tornar indispensável. Ele conhecia o efeito produzido por seu jeito afável, esperto e ingênuo, e não deixava de tirar proveito disso. Quando Reineboth, diante de quem ele estava naquele momento, com atitude marcial, berrou para saber o que ele queria, limitou-se a responder inocentemente:

– Tenho de fazer novamente um controle dos alto-falantes, senhor inspetor-chefe. No campo tem alto-falantes que estão quebrados. – Reineboth, atarefado em sua mesa, disse de modo negligente:

– Você fez de novo alguma besteira, ou o quê, afinal? – Com cara de menino surpreso, Schüpp respondeu:

– Não fiz besteira nenhuma. Mas o cabo tem estado muito quebradiço, e as transmissões não param de ser interrompidas, basta dizer que se trata de material de guerra.

– Não diga besteiras a mim, fale-as ao microfone, e caia fora o quanto antes.

Isso significava que ele estava autorizado a utilizar os alto-falantes. Ele foi até o aparelho e o ligou. A eletricidade crepitou. Schüpp, a título de teste, soprou no aparelho e pigarreou.

– Atenção, controle de rádio. Atenção, controle de rádio. Contando... três, três, quatro, quatro, cinco, cinco... oito. Repetindo: três, três, quatro, quatro, cinco, cinco... oito.

A mensagem foi ouvida em todos os blocos e nas oficinas, e no barracão de ótica Kodiczek e Pribula ergueram os olhos de seu

trabalho por um instante. Também Henry Riomand, o cozinheiro francês da cantina dos oficiais, ouviu atentamente a mensagem. Três, quatro, cinco eram os números-chave que eram usados como código para os membros do CIC. A transmissão também o informou que deveriam se encontrar naquela mesma noite, às oito horas no lugar acordado. Riomand agitou sua panela no fogão. Pribula e Kodiczek trocaram um olhar de conivência; devia estar acontecendo alguma coisa especial.

– Controle de rádio encerrado. Controle de rádio encerrado.

– Schüpp desligou o microfone. Reineboth, que mal tinha ouvido a mensagem, disse com escárnio:

– Deus seja louvado, parece que eles sabem contar até três.

– Sim, senhor inspetor-chefe, até três é suficiente para mim.

E seus olhos redondos fixaram-se no jovem elegante que, enfasiado, fez-lhe sinal para que se retirasse. Satisfeito, Schüpp voltou à sua oficina.



A reunião do CIC se desenrolou sem contratempos. Um pouco antes do horário marcado, Bochow foi até o local de reunião. Estava frio e escuro. Poucos prisioneiros podiam ser vistos entre os blocos. Nas entradas dos blocos mantidos na escuridão para prevenir qualquer bombardeio, alguns fumavam, escondendo a ponta incandescente de seus cigarros dentro das mãos. Somente o longo caminho que descia da praça de chamada em direção aos barracões estava movimentado. Os prisioneiros iam para a enfermaria ou, voltando dela, apressavam-se em direção aos seus blocos. No escuro, Bochow entrou em um barracão que servia de depósito para os colchonetes e os utensílios dos doentes. Lá dentro, dois prisioneiros estavam ocupados, à luz fraca de uma lamparina, enchendo sacos de juta com palha. À entrada de Bochow, eles pararam e empurraram um grande monte de palha para o lado. Escondido no assoalho de tábuas rugosas, havia um alçapão que Bochow abriu para esgueirar-se por sua abertura estreita. Acima dele, os dois detentos recobriram

a passagem com palha. A sala debaixo do barracão tinha a altura de suas fundações, cerca de um metro e vinte. Pequenas colunas de tijolos sobre as quais se apoiava o prédio alinhavam-se em sua extensão perpendicular às vigas que sustentavam o assoalho. Parecia uma galeria de mina. A terra nua da fossa estava coberta de entulho, sobre o qual Bochow tropeçava ao andar.

Os outros membros do CIC, agachados em volta de uma vela, interromperam sua conversa a fim de olhar para Bochow. Ele se instalou ao lado deles e ficou ouvindo a discussão inflamada de Joseph Pribula. A recente liberação da cidade de Mogúncia confirmava que os americanos haviam consolidado sua investida em Remagen, e que prosseguiram com sua ofensiva. Uma boa notícia! Pribula jubilava e batia com o punho na palma da mão:

– Logo estaremos livres!

Mas a segurança de Pribula batia de frente com o ceticismo dos demais. Kodiczek grunhia, de cara feia, e Van Dalen bateu no ombro de Pribula.

– Você tem ótimas qualidades – disse em um alemão laborioso –, mas é muito impaciente.

Pribula, o mais novo deles, era sem dúvida o mais impaciente. Nada ia rápido o suficiente para ele.

– Muito impaciente – repetiu Van Dalen, apontando um indicador ameaçador, como um professor. Bogorski apoiou a mão no joelho do jovem polonês, e relatou o que os detentos recém-chegados de Auschwitz tinham lhe contado.

– Liberados? Em breve? – Cético, Bogorski sacudiu a cabeça e se inclinou para a frente. A luz da vela conferia ao seu rosto um aspecto espectral e acentuava de ondas pretas as rugas de sua fronte. Dos três mil homens, somente oitocentos haviam chegado a Buchenwald, disse ele com ar eloquente. Sua sombra gigante flutuava no teto, quando ele terminou seu relatório com um movimento brusco do braço:

– Evacuação sempre significar morte. – Eles haviam entendido por que Bogorski falava disso. Riemand atirou para a frente um pedaço de calcário que, distraidamente, passava de uma mão

para outra. Só Pribula não queria entender Bogorski. – Eu falar, nós não esperar que os fascistas nos levar fora do campo. Eu falar, nós quebrar cercas para alcançar americanos.

Bochow fungou contrariado, os demais protestaram, e Bogorski sacudiu a cabeça.

– Não bom, não mesmo. Americanos ainda longe. Muito longe. Nós devemos esperar, ou... como falar? – Ele se virou para os outros, buscando ajuda.

– Retardar – soprou Bochow.

– Sim, retardar, ser isso. – Bogorski agradeceu com um sorriso e continuou desenvolvendo seu pensamento:

– Nós devemos nos informar, dia após dia, sobre o estrado do *front*, e observar os fascistas do campo. Eles não vão deixar que se chegue ao ponto de uma luta com os americanos, eles vão fugir. E será a nossa hora.

Pribula deixou-se cair para a frente, apoiando-se nas mãos, irritado:

– Fugir? E como vai ser se eles atirarem?

Bogorski sorriu:

– Certo, então nós também atiraremos.

Pribula endireitou-se, contrariado:

– Com a meia dúzia de armas que nós temos.

Antes que Bogorski pudesse responder, Riomand assumiu a palavra. Com um gesto da mão, ele interpelou o obstinado polonês:

– Você mesmo diz que só temos alguns fuzis. Como você quer conduzir um ataque com algumas poucas armas? Isso seria... – Ele estalou os dedos, por não encontrar a palavra em alemão. – Seria insensato.

Então, todos começaram a falar com Pribula ao mesmo tempo, e o murmúrio tornou-se um ruído confuso. Eles tentavam fazer com que ele admitisse que uma ação prematura poderia levar ao aniquilamento do campo inteiro. Pouco convencido, Pribula não se rendia aos argumentos insistentes, e, entre as sobrancelhas, tinha uma ruga que denunciava o seu mau humor. Van Dalen bateu em seu ombro, em sinal de conciliação; Pribula precisava

entender que não se podia brincar com a vida de cinquenta mil homens. Foi Bochow quem fez seus companheiros nervosos se calarem.

– Não esquentem a cabeça – disse, para pôr fim à discussão. – É agora, principalmente, que devemos manter a cabeça fria.

Ele se levantou, com os cotovelos bem afastados e as mãos sobre os joelhos:

– Existe outro problema. Ouçam, eu não sei bem o que devemos fazer. – Seus companheiros ouviam-no atentamente enquanto ele falava do pelotão sanitário e manifestava suas dúvidas. Bogorski balançava a cabeça.

– Bem – disse ele –, eles procurar nós, eles procurar nós já fazer tempo e ainda não achar nós. Se eles achar nós, com ou sem armadilha, vocês entender? Eu dizer a vocês que não podemos ter medo. Eu dizer que nós ter de ser muito prudentes, os dezesseis camaradas ter de ser inteligentes, muito inteligentes. Vocês entender? – Em seu alemão capenga, ele manifestou aos seus companheiros que não havia a menor importância que o pelotão sanitário fosse um dispositivo inofensivo ou uma arapuca. A possibilidade de ampliar a vigilância a todo o campo era decisiva. Os sanitaristas poderiam ir e vir por todos os lados, em torno das casernas, das garagens, dos depósitos de abastecimento...

Bochow o interrompeu:

– Talvez eles queiram justamente atrair o pelotão para uma armadilha? E se aprisionassem um dos nossos, ou os dezesseis? E, no *bunker*, seriam torturados até dizerem a quem dão conta de suas observações.

– Eles só precisam enfraquecer um de nós para descobrir nossa ligação com a organização.

Bogorski estava obstinado.

– *Niet, niet, niet.* Não o organização, de jeito nenhum o organização.

Ele propôs estabelecer uma ligação somente entre ele e um dos membros do pelotão sanitário. Bochow também mantinha sua posição:

– E se você for apanhado?

Bogorski sorriu:

– Então organização não morrer. Morrer só eu!

Ao ouvir isso, todos reagiram prontamente. Bogorski ficou agressivo. Ele argumentou que o perigo era onipresente, ou por acaso não seria perigoso estar ali montando uma organização com grupos de Resistência internacionais nem possuir armas?

– Nós fizemos juramento de morrer em silêncio, e eu só quero ser fiel ao juramento.

Bochow objetou que não foi o que ele quis dizer.

– Ter outros além de nós? – perguntou Bogorski.

– Sim – respondeu Bochow, e informou aos companheiros a proposta de Krämer, que ele próprio achava cada vez mais confiável, à medida que nela pensava.

Os companheiros, por sua vez, reconheceram as vantagens em não ter de estabelecer uma nova conexão e o fato de que Bochow estivesse continuamente em contato com o decano do campo. Até mesmo Bogorski renunciou ao seu próprio plano. Ele levantou ambas as mãos e sorriu amigavelmente:

– Então, eu estou, como dizer? Convencido...

A discussão não tinha durado meia hora, os companheiros foram embora um após o outro e, com máxima discrição, deixaram o local de seu encontro. Eles retornaram para seus blocos. Krämer estava se preparando para ir até a enfermaria e organizar o pelotão sanitário, que devia ser composto de cuidadores, quando Bochow veio até ele. Entre os dois, não era preciso falar muito. Bochow anunciou a Krämer que os outros membros estavam de acordo com sua proposta, e que ele seria o responsável pelo pelotão. Eles discutiram sobre quais cuidadores o decano deveria escolher. Deviam ser companheiros confiáveis e experientes. Mais tarde, Krämer foi até a enfermaria. No comprido corredor da sala de consultas amontoava-se a massa miserável dos prisioneiros doentes.

Krämer abriu caminho através da multidão de pacientes que aguardavam. Uma atividade intensa reinava naquele local. Os doentes entravam em grupos de dez. O odor acre de ictiol e o

fedor das feridas purulentas tornava o ar da sala quase irrespirável. Os enfermeiros, prisioneiros de jaleco branco, cuidavam dos doentes. O trabalho era executado em silêncio e com rotina. Eles retiravam os curativos contaminados e sujos dos membros, e limpavam as feridas, que, envoltas em um cascão preto de ictiol endurecido, revelavam-se gangrenadas e abertas. Com a ajuda de uma espátula de madeira, eles untavam de novo a chaga com o medicamento. Com agilidade e destreza, enfaixava-se a ferida em nova compressa, como um cachepô em volta de um vaso. Eram raras as palavras pronunciadas.

Era preciso aproveitar o pequeno lapso de tempo entre a chamada noturna e os apitos anunciando o toque de recolher. Com um leve toque nos rins, o enfermeiro dispensava o paciente.

– Pronto. Próximo.

O paciente seguinte já havia retirado sua calça e mostrava ao enfermeiro, implorando-lhe silenciosamente, um edema preto azulado em sua coxa descarnada. Ele foi colocado de lado e claudicou, segurando a calça que escorregava, em direção à fila daqueles que já aguardavam na mesa de cirurgia.

Erich Köhn, enfermeiro-chefe, comunista e antigo ator, exercia as funções de cirurgião. Ele nem tinha tempo de dar uma olhada no doente que era deitado na mesa de cirurgia, uma sólida prancha de madeira com um travesseiro costurado em encerado preto.

Köhn olhava as feridas e os calombos e, enquanto seus assistentes colocavam a máscara de éter, ele calculava o tamanho dos tumores, e seu bisturi afundava na carne infectada. Com os dois polegares, expulsava deles o pus, em seguida limpava a ferida. O assistente já estava pronto com o ictiol e a gaze. Afastado, o paciente era enfaixado.

Um segundo assistente sentava o paciente e o acordava com vários tapas potentes em ambas as faces. (*Não leve a mal, companheiro, não podemos esperar que você acorde*).

Ainda totalmente no limbo, o paciente reanimado de modo tão rude escorregava da mesa e, completamente desorientado, ia sentar-se no banco contra a parede. Ele podia permanecer ali e

curtir a ebriedade de sua anestesia em companhia daqueles que já haviam passado pelo procedimento. Ninguém cuidava deles. Ninguém prestava atenção a si mesmo. De vez em quando, um dos enfermeiros escolhia um deles.

– E então, companheiro, está de novo em pé? Volte para o barracão, ande, desocupe o lugar.

Tomado por uma repulsa interna, Krämer observava a cena. Os doentes deitavam-se na maca, dóceis e resignados. Eles se deixavam levar pela inconsciência com avidez. Dependia do que era mais rápido, o sono ou a faca... dezenove, vinte... vinte e... alguns gemiam de dor, a faca fora mais rápida.

Köhn tinha se limitado a fazer um sinal de cabeça para Krämer quando este havia chegado e não mais se preocupou com isso, embora soubesse que o decano do campo queria falar com ele. Após três outras operações, Köhn encerrou o dia de trabalho. Ele acompanhou Krämer até a sala de descanso dos enfermeiros e lavou as mãos. Krämer ainda impressionado, disse:

– Como você faz isso... – Enxugando as mãos, Köhn sentou-se no banco ao lado de Krämer, e deu um sorriso entendido:

– É, como eu faço isso... – Enviado para a enfermaria anos atrás, por causa de uma doença de fígado, ele fora curado pelos cuidadores e ficara ali. Tinha se tornado meio médico e, aos poucos, forçado pela necessidade, assumira o encargo das operações cirúrgicas. Agora, ele manipulava o bisturi como um médico. – É, como eu faço isso... – Havia um toque de vaidade na forma de dizê-lo.

Ele tanto podia ficar mudo e concentrado na sala de cirurgia, quanto ser falante e relaxado quando seu trabalho desgastante estava terminado. O magro quarentão havia oferecido aos seus amigos da enfermaria algumas boas horas com suas infinitas lembranças do palco; graças à jovialidade de seu coração forte, ele havia acendido faíscas de vida em muitos moribundos.

– Então, meu jovem, você vai ficar bom, não? – reconfortava ele os doentes, aproximando-se de seus catres. – Está vendo, eu disse, não era tão ruim assim. – Mas, por ora, ele estava sentado, sério e pensativo, ao lado de Krämer.

– Sim, sim – aquiesceu, após Krämer ter explicado os motivos de sua visita. – Começa com a guerra relâmpago, e termina com um pelotão sanitário de detentos. Primeiro as fanfarrônicas vitoriosas, em seguida as sirenes de alerta aéreo...

Ele se levantou e pendurou a toalha de mão em um prego.

– Povo alemão, como você pode ser tão burro, de modo geral! Primeiro você escurece sua mente, em seguida, suas janelas...

Ele deu uma risada amarga. De repente, virou-se para Krämer, e a expressão de seus olhos cinza tornou-se penetrante.

– Sem vigilância, além dos postos de guarda? Caramba! Mas isso é...

– É por isso que quero conversar com você – devolveu Krämer.

Köhn sentou-se ao seu lado, com grande interesse, e eles falaram por muito tempo, até que Krämer tivesse de deixar a enfermaria para ir dar o toque de recolher. Havia escolhido os dezesseis cuidadores que comporiam o pelotão.

– Nem uma palavra – aconselhou Krämer. – Vou falar com eles pessoalmente.



Na manhã seguinte, Pippig trouxe a lista do comboio, da secretaria do armazém de vestuário. Com ar preocupado, ele a passou a Höfel, que a pegou em silêncio. Desde que haviam acolhido a criança, eles pareciam estranhos um para o outro. A relação que tiveram até então sofria com isso.

Höfel, sempre tão amigável, tornara-se taciturno, principalmente quando se tratava do menino. A cada investida de Pippig em convencê-lo de manter o pequeno ser com eles, ele se fechava. Eles nunca haviam conversado sobre as razões de seu desacordo. Um sempre se dobrava ao julgamento do outro. No que dizia respeito ao garoto, Pippig não conseguia entender seu amigo; ele não via nada de complicado naquele assunto.

As rugas de sua frente ficavam mais fundas com o passar dos dias. Isso não podia continuar assim por mais tempo. De duas uma: ou eles estariam todos livres em breve, ou... todos mortos.

Não havia uma terceira opção.

O que havia de mais simples, antes que a balança se inclinasse para um lado ou para o outro, do que manter o garoto ali? Ele poderia ser libertado com eles ou morrer com eles.

Partindo dessa constatação simples, Pippig se recusava a entender por que Höfel estava tão decidido a mandar a criança embora. Estaria com medo?

Höfel jogou a lista sobre o comprido balcão.

– Prepare as coisas. Quando nós as entregarmos ao meio-dia, você irá buscar o polonês e devolver-lhe sua mala – disse secamente.

Pippig colocou as mãos nos bolsos e apertou os olhos.

– A mala vazia, lógico. – Era uma provocação.

Höfel encarou o olhar de Pippig, mais baixo do que ele.

– Não! – retorquiu enfaticamente, dirigindo-se para a saída.

Pippig o segurou pelo braço.

– O menino fica aqui!

Höfel prosseguiu:

– Não é você quem decide!

– Nem você! – respondeu Pippig.

Eles trocavam olhares duros, os olhos repletos da mesma indignação.

– Você está com medo? – perguntou Pippig, conciliador.

– Não diga besteiras!

Pippig o segurou novamente pelo braço, suplicante:

– Deixe o garoto aqui, André. Você não precisa cuidar de nada, eu assumo toda a responsabilidade.

Höfel soltou uma risada sarcástica.

– Responsabilidade? E se eles descobrirem, é a bunda de quem que vão chutar? A sua ou a minha? A minha, a do *Kapo*! Sem chance. A criança vai embora com o polonês. – Ele largou Pippig ali, e dirigiu-se à secretaria.

Pippig olhou para ele com ar triste. Agora, tinha certeza de uma coisa: Höfel estava com medo! Uma onda de desprezo crescia nele. *Bem, se ele está com medo e não quer ouvir nada, então vou fazer com que o garoto seja posto em segurança. Ele precisa*

desaparecer do armazém, agora mesmo! Se estiver escondido em outro lugar, Höfel não vai mais reclamá-lo. Pippig suspirou. Onde esconder a criança? Ele ainda não sabia, mas isso não mudaria em nada sua decisão.

Ele queria conversar com Kropinski, eles acabariam encontrando uma solução.

Para Höfel, não era fácil ser tão duro com o bom Pippig, e ele não ignorava o que este pensava dele. Uma palavra, e Pippig entenderia tudo. No entanto, essa palavra não podia ser pronunciada.

Mais tarde, chegou Krämer. Ele se retirou em um canto do armazém com Höfel.

– Esta tarde, o comboio parte.

Höfel assentiu com a cabeça.

– Eu já tenho a lista.

– E então? – perguntou Krämer.

Höfel desviou seu olhar de Krämer para olhar pela janela.

– E então? O que você quer? – indagou ele, dando de ombros.

– Evidentemente, o garoto vai embora com esse comboio.

Krämer percebeu toda a dor contida na voz de Höfel, e quis dizer algumas palavras de conforto.

– Não sou desumano, André, mas você precisa entender...

– Tem alguma coisa que eu não estou entendendo? – Quase ameaçador, Höfel adiantou-se em direção a Krämer, que não queria que isso degenerasse em briga, e ele próprio devia esforçar-se em ser duro, o que era desgastante. Então, só concordou em silêncio, estendeu a mão para Höfel e disse, em uma tentativa de conciliação:

– Não vou mais cuidar disso. Você tinha de saber. Agora, o negócio é com você. – Ele deu as costas.

Höfel o acompanhou com os olhos, um ar sombrio. Agora estava tudo em suas mãos. Cansado, ele foi lá para trás, no desvão. Sentado em seu lugar, o menino brincava com “imagens coloridas”, um velho baralho que Kropinski havia lhe dado.

Kropinski, sentado ao lado da criança, olhou para Höfel com gratidão. Ele empurrou o boné para a nuca, e passou a mão na

fron­te. O garoto tinha se acostumado com ele, até sorria para ele. Höfel permaneceu grave, seu olhar foi além do menino, e ele dirigiu-se a Kropinski com tom de voz que lhe pareceu estranho.

– Você precisa levar o garoto para o polonês. Como Kropinski não parecia entender, ele logo acrescentou:

– Ele vai embora com o comboio.

Kropinski levantou-se devagar.

– Que comboio?

Höfel estava tomado por uma profunda irritação, queria deixar aquele assunto para trás o quanto antes. De repente, ele berrou para Kropinski:

– Isso por acaso é algo extraordinário?

Mecanicamente, Kropinski sacudiu a cabeça. Um comboio nada tinha de extraordinário. Mas então por que Höfel estava sendo tão desagradável com ele?

– Para onde ir o comboio? – perguntou Kropinski.

Höfel fechou ainda mais a cara, e respondeu grosseiramente:

– Eu não sei! Faça o que estou mandando.

Os olhos de Kropinski se arregalaram, cheios de um medo súbito. Uma palavra de protesto brotou de seus lábios; no entanto, ele permaneceu mudo, com um sorriso vazio e marcado pela fatalidade nos lábios, olhando para o rosto sombrio de Höfel, que, temendo não poder mais encarar o outro, dirigiu-se rudemente ao polonês:

– Pegue o menino antes que Zweiling chegue e... e...

Kropinski agachou-se de novo, pegou com cuidado as “imagens coloridas” das mãozinhas do pequeno e tomou a criança nos braços.

Quando ele quis ir embora, Höfel passou a mão nos cabelos macios do garoto.

A esperança aqueceu o rosto de Kropinski, que fez um sinal de cabeça encorajador a Höfel e pronunciou as palavras seguintes como se fosse uma oração:

– Tenho realmente que olhar por você, pequeno ser – disse ele ternamente. – Você tem olhos tão belos, um narizinho tão lindo, bem pequenino, e orelhinhas, e mãozinhas... é ainda tudo tão

pequeno...

Höfel sentiu seu coração apertar e se aquecer, acariciou mais uma vez ternamente e à guisa de adeus a pequena cabeça, e deixou sua mão cair, como se tivesse descoberto alguma coisa misteriosa no rosto do garoto enquanto dizia, como em um lamento:

– Sim, sim, um garotinho polonês, um judeuzinho...

Kropinski, voltando à vida, assentia com a cabeça.

– O que querer dizer com garoto polonês? Crianças por todos os lados no mundo! A gente dever proteger e amar...

Amuado, Höfel pôs-se a praguejar.

– Que droga! Eu não tenho escolha! Krämer me... ele exige que eu... o menino...

Kropinski interrompeu-o brutalmente, seus olhos faiscavam:

– Você não escutar Krämer. Krämer, homem duro. Você esperar Exército Vermelho. Chega cada vez mais perto, e também americanos. Cada vez mais perto. Então, o que vai acontecer? Ainda algumas semanas, e fascistas todos ir embora e nós livres... também criancinha.

Höfel apertou os lábios com tanta força que eles ficaram brancos. Ele olhava fixamente para a frente, como se seus pensamentos tivessem escapado. Por fim, recompôs-se e fez um gesto de despeito, parecia que queria se livrar de seus pensamentos ensurdecedores.

– Eu pensei a respeito – disse com voz totalmente diferente. – Você não precisa entregar o menino agora ao polonês. Afinal, o que ele faria com o pequeno? Quando há um comboio, tudo vira de cabeça para baixo. Espere até a tarde.

Aliviado, Kropinski respirou fundo.



Nesse meio-tempo, Krämer dirigira-se à enfermaria, onde já aguardavam em uma sala os dezesseis enfermeiros selecionados para o pelotão sanitário. No entanto, eles ainda não sabiam qual era a finalidade de sua escolha; Krämer, entrando

precipitadamente na sala, iria dizer a eles. O fez sem rodeios:

– Camaradas, a partir de hoje, vocês formam o pelotão sanitário.

Os cuidadores o cercaram, curiosos. Ele os conhecia a todos, eram jovens, audaciosos e confiáveis, e estavam no campo havia muito tempo.

– O que é isso, um pelotão sanitário?

Em poucas palavras, Krämer lhes explicou qual seria sua missão. No caso de um ataque contra o campo, recorreriam a eles para socorrer os SS.

– Como vamos poder limpar suas calças, se eles as emporcalharam? – observou um dos enfermeiros com sarcasmo. Os demais riram e ouviram atentamente, quando Krämer lhes disse que estariam equipados com capacetes de aço, máscaras de gás e estojos de primeiros-socorros, e que eles poderiam ir além dos postos de guarda avançados, sem vigilância...

– Caramba – exclamaram os enfermeiros. – Até hoje nunca vimos isso. – Krämer apertou os lábios e fez um sinal de positivo com a cabeça.

– Estamos chegando ao fim – disse ele.

– E eles, lá em cima, parece que estão ficando nervosos, não é? – perguntou outro. Novamente, Krämer concordou.

– Não preciso dizer muito. Vocês vão ver por vocês mesmos o que está acontecendo. – Ele olhou para cada um deles e prosseguiu. – Fomos *nós* que selecionamos vocês, e não eles, lá em cima. Para eles, vocês não são nada mais do que o pelotão sanitário, entendido?

Ele se calou. Todos os dezesseis haviam entendido que se tratava de algo particular, e quando Krämer prosseguiu com voz mais sufocada e urgente, compreenderam.

– Abram bem os olhos, olhem em volta de vocês, vocês irão a toda parte. O que descobrirem, vocês relatam ao Erich Köhn, responsável pelo *Kommando*. Já falei com ele sobre todo o resto.

Köhn assentiu com a cabeça.

– Escutem! – Krämer girou sobre si mesmo. – Rígida disciplina, rígida discricção! Aqueles lá em cima não devem ter motivo para

suspeitar de vocês.

Krämer os conduziu até o portão.

Reineboth os recebeu, arvorando um sorriso afetado. Ele saíra de seu escritório, postara-se diante dos dezesseis homens e, com deleite, colocava suas luvas amarelas de couro de porco. Com passos elegantes, ele percorreu a fileira, e os prisioneiros permaneciam bem rígidos, nenhum músculo do rosto se mexia.

O sorriso de Reineboth tornou-se ainda mais malévolo.

– Você selecionou os melhores? – perguntou ele a Krämer.

– Os melhores dentre os melhores, inspetor-chefe, afirmativo! – respondeu Krämer sem medo. Perguntas e respostas eram dúvidas o bastante.

– Eu imagino que você tenha avisado seus camaradas sobre o que aconteceria no campo se um único deles tentasse escapular?

– Sim, inspetor-chefe, transmiti aos prisioneiros todas as informações necessárias.

– Excelente – retorquiu Reineboth, não sem malícia. – Quem está encabeçando esse negócio?

Köhn saiu da fila:

– Eu!

– Ahã. – Reineboth enfiou os polegares na abotoadeira de seu elegante casaco, agitando os dedos. – Köhn. Evidentemente. Sempre aí onde acontece alguma coisa.

Krämer saiu em sua defesa, dizendo:

– Ele é o enfermeiro-chefe da enfermaria.

– Ahã – repetiu Reineboth. – Então é por isso que ele está aqui.

Com um sinal de cabeça, ele manifestou a Krämer que não precisava mais dele, e dispensou o pelotão.



Os dois camaradas lá no desvão do armazém desconheciam que havia uma testemunha já fazia algum tempo – Zweiling.

Inopinadamente, ele tinha retornado ao armazém de vestuário. Pippig, em pé no corredor entre os sacos de roupas, observando o que acontecia no desvão, não o havia notado. Ao entrar,